

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

JOÃO RAFAEL CAMPOS DE OLIVEIRA

**OS DESAFIOS DA AGENDA MULTICULTURAL E SUAS PROBLEMÁTICAS NOS
CONFLITOS DE BRADFORD EM 2001**

RECIFE

2018

JOÃO RAFAEL CAMPOS DE OLIVEIRA

**OS DESAFIOS DA AGENDA MULTICULTURAL E SUAS PROBLEMÁTICAS NOS
CONFLITOS DE BRADFORD EM 2001**

Monografia apresentada à Faculdade Damas da Instrução Cristã - FADIC, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Thales Cavalcanti Castro.

RECIFE

2018

Catálogo na fonte
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB/4/2116

Oliveira, João Rafael Campos de.
O48d Os desafios da agenda multicultural e suas problemáticas nos conflitos de Bradford em 2001 / João Rafael Campos de Oliveira. – Recife, 2018.
53 f.: il. col.

Orientador: Prof. Dr. Thales Cavalcanti Castro.
Trabalho de conclusão de curso (Monografia – Relações Internacionais) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2018.
Inclui bibliografia

1. Relações internacionais. 2. Multiculturalismo. 3. Globalização. 4. Bradford. 5. Imigração. 6. Etnia. 7. Conflitos. 8. Inglaterra. I. Castro, Thales Cavalcanti. II. Faculdade Damas da Instrução Cristã. III. Título.

327 CDU (22. ed.)

FADIC (2018-220)

JOÃO RAFAEL CAMPOS DE OLIVEIRA

**OS DESAFIOS DA AGENDA MULTICULTURAL E SUAS PROBLEMÁTICAS NOS
CONFLITOS DE BRADFORD EM 2001**

Monografia apresentada à Faculdade Damas da Instrução Cristã - FADIC, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Thales Cavalcanti Castro.

Aprovado em: ____/____/____

Nota: _____

BANCA EXAMINADORA

**Prof. Dr. Thales Cavalcanti Castro
FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC**

**Prof. Me. Maurício de Albuquerque Wanderley
FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC**

**Prof. Me. Artur Henrique Farias dos Santos
FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC**

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer sobretudo a Deus que tem me presenteado com grandes bênçãos das quais foram essenciais para que eu chegasse até aqui, mas sobretudo, o agradeço pela sua sabedoria divina ao me permitir enfrentar grandes obstáculos, dificuldades e desafios que me deram a valiosa oportunidade crescer, fortalecer-me, e estar mais próximo dos que eu amo e de mim mesmo.

Agradeço aos meus pais por terem, desde sempre, se esforçado em contribuição de minhas conquistas, mesmo que por vezes não saibam o que fazer, suas intenções sempre têm sido as mais benevolentes e amáveis o possível. Agradeço aos poucos, mas, grandes amigos pelos momentos de conforto e reflexão que partilhamos juntos e pela paciência destes em absolver-me dos momentos de desânimo e incrustação. Agradeço principalmente, a minha melhor amiga e amada esposa que tem feito do seu amor o meu maior alicerce e inspiração para todos os desafios e criações das quais teimo em inventar, agradeço-a por fazer parte desta jornada ao meu lado e, por sempre, mesmo que instintivamente, ter me colocado de volta aos trilhos quando por vezes aparentei-me desiludido, sem rumo, e incerto dos meus objetivos, sem ela nada disso seria possível. Tudo valeu a pena.

Agradeço aos professores da Faculdade Damas que me deram a honrosa oportunidade de desenvolver meu aprendizado e maturidade intelectual durante esses quatro anos, de maneira natural e prazerosa. Thales Castro, Maurício Wanderley, Elton Gomes, Pedro Gustavo e outros, obrigado por me despertarem o gosto pelo saber, vocês continuarão sempre sendo uma inspiração para mim.

RESUMO

Questões sobre o multiculturalismo têm sido indagadas em diversos países nos quais a imigração contemporânea os têm levado à significantes tensões interétnicas e até mesmo conflitos violentos em alguns casos, onde as ideias anteriormente tidas sobre o multiculturalismo, que até dado momento eram compreendidas como as mais apropriadas, estão sendo atualmente colocadas em cheque e sendo seriamente reconsideradas, onde, alguns dizem que o multiculturalismo é teoricamente válido e funciona bem quando aplicado propriamente, enquanto outros, argumentam que o multiculturalismo é fundamentalmente falho, sendo uma receita completa para o mal-estar social ou mesmo para o conflito. Esses e outros pontos de vista são colocados em um debate que acontece diante de uma realidade já conhecida, onde a flexibilização do tempo e espaço permitiram o deslocamento por grandes distâncias de maneira muito mais fluida em um tempo cada vez menor. Se trata de um cenário onde o mundo fortemente globalizado e interdependente levou a um colapso das identidades tradicionais que, anteriormente locais, agora se fundem e produzem uma diversidade cada vez maior de estilos e identidades, gerando um processo natural de hibridização de culturas, processo este que por vezes têm se demonstrado abrasivo em diversas comunidades culturalmente diferentes, como no caso de Bradford e de outras cidades do norte da Inglaterra que no verão de 2001 sofreram graves conflitos de razão etno-cultural, cabendo aos modernos planos de integração lhe dar com estes novos desafios em prol de uma coesão comunitária.

Palavras chave: multiculturalismo; imigração; globalização; etnia; conflitos; Inglaterra; Bradford

ABSTRACT

Questions about multiculturalism have been approached in a number of countries where contemporary immigration has led to significant inter-ethnic tensions and even violent conflicts in some cases, where previously held ideas about multiculturalism, which until then were understood as the most appropriate, are currently being scrutinized and seriously reconsidered where we have some saying that multiculturalism is theoretically valid and works well when properly applied, while others argue that multiculturalism is fundamentally flawed as a complete recipe for social unrest or even for conflict. Those and other points of view are being put into a debate that happens in front of a reality already known, where the flexibility of the time and space allowed the displacement of great distances in a much more fluid way and less time. It is a scenario where the strongly globalized and interdependent world has led to a collapse of traditional identities that were previously local but now merge each other in order to produce a growing diversity of styles and identities, generating a natural hybridization process of cultures, processes which have sometimes shown themselves as abrasive in a number of culturally diverse communities such as Bradford and other northern Britain cities in the summer of 2001 which suffered serious ethno-cultural conflicts, giving to the modern integration plans the new challenge of pursuit community cohesion in such scenario.

Keywords: multiculturalism; immigration; globalization; ethnicity; conflicts; England; Bradford

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Residência na Inglaterra em 2011	47
---	----

SUMÁRIO

Resumo	05
Abstract	06
Lista de Ilustrações	07
Introdução	08
1. O Multiculturalismo	10
2.1. A questão da identidade no mundo globalizado.....	19
2. Os conflitos de Bradford e suas problemáticas	26
3.1. O Relatório de Ted Cantle e o Interculturalismo.....	34
3. A coesão comunitária e suas lições	41
Considerações Finais	49
Referências Bibliográficas	51

INTRODUÇÃO

Toda e qualquer sociedade se estabelece a partir de uma simples experiência de associação que se traduz em um sentimento de “quem nós somos”, “por que estamos juntos” e “o que compartilhamos mutualmente”. Essa experiência vem antes mesmo da estrutura política, precedendo as instituições e de certa forma servindo como força motriz para a criação e a aceitação destas. Essa experiência é capaz de unir aqueles de diferentes opiniões, gêneros, raças e classes por meio de uma ligação em comum, gerando uma espécie de “eu” compartilhado, pluralizado. Tal sentimento de pertencimento, adesão e associação pode ser manifestada através de diferentes formas, em diferentes lugares e em tempos distintos.

Embora a religião também tenha sido um elemento importante na edificação da identidade europeia, ela tem sido gradativamente colocada de lado em razão, originalmente, da influência do movimento iluminista do século XVIII, dando espaço à ideia de nacionalidade e conseqüentemente do Estado-Nação. Graças a isso, os europeus assim como a maioria dos demais cidadãos ocidentais gozam de certas liberdades e de jurisdição secular, significa dizer que, além da obediência perante ao Estado de Direito, não há nenhuma demanda religiosa para aquele que nesta comunidade deseja ingressar. O contrário se percebe em comunidades fundadas e praticadas numa esfera religiosa, onde aquele que desejar nela ingressar deve estar preparado para converter-se, ou submeter-se (significado da palavra islam) à um sistema legal baseado em dogmatismo religioso.

Juntamente com isso, a globalização criou uma era de "super diversidade" que fez com que a maioria das sociedades ocidentais se tornassem muito mais dinâmicas e socialmente complexas. "Multicultural societies are here to stay and indeed, will become more so." (Community Cohesion: Report of the Independent Review Team – The ‘Cantle Report’ (Cantle 2001)

No entanto, algumas das políticas que os governos ocidentais têm concebido para mediar essas mudanças provaram-se não ser mais adequadas, não contribuindo suficientemente para promover uma eficaz coesão em alguns casos. Paralelamente, é perceptível aquilo que alguns autores chamam de “desconjunção cultural” transcorrendo em vários países ocidentais, evidenciando lacunas socio-culturais em uma população que vive uma crescente perda de confiança no seu modo de vida ocidental, este, que é visto por certos grupos, tal como o dos radicalistas islâmicos,

como um modo de vida extremamente deficiente ou até mesmo como uma ofensa à Deus.

Na busca em demonstrar suas intenções pacíficas, diversos países ocidentais liberais, como a Inglaterra, passam por um controverso momento, onde para alguns, isso significa um período de concessão, onde suas conquistas legítimas, cultura, valores, tradições e costumes são anuviados ou mesmo subestimados por uma classe intelectual e parte de uma elite política em prol do experimento multiculturalista que trouxe consigo elementos que levaram muitos ocidentais ao questionamento da sua atual realidade social e a interação desta com os elementos-chave do seu patrimônio ocidental. (Azure, no. 35, Roger Scruton, 2009)

Essas políticas tornaram-se entendidas como "multiculturalismo", e planeja-se com este trabalho, cumprir o objetivo geral de evidenciar e discutir suas fendas e falhas, assim como também os seus êxitos, tomando como estudo de caso os conflitos de Bradford e demais cidades nortenhas inglesas no ano de 2001.

O primeiro capítulo abordará sobre evolução do conceito de multiculturalismo, do seu surgimento até os dias mais atuais. Como se deu a atuação dos países que primeiramente adotaram práticas multiculturais em seu território, bem como as percepções distintas sobre suas execuções, tecendo um paralelo com estudos sobre identidade e etnia, de maneira a possibilitar a materialidade mínima necessária para a reflexão.

O segundo capítulo fará um estudo de caso sobre as cidades nortenhas que ilustram, em boa parte, os desafios que têm acontecido em diferentes níveis e formas nos países multiculturais mundo afora.

O terceiro capítulo se encarregará de propor uma revisão das mais recentes políticas de integração adotadas na Inglaterra atual, levando em conta as novas práticas que visam buscar a coesão comunitária assim como seus novos mecanismos de atuação.

Dessa forma, a importância desse trabalho se dá pela percepção de que grande parte dos conflitos atuais da comunidade internacional, seja no nível mais individual possível ou mesmo no que tange a relação entre estados-nação, se dá pelas divergências culturais de civilizações e povos distintos que hoje, graças ao atual nível de globalização e flexibilização territorial, se cruzam de maneira muito mais contínua, profunda e interdependente.

1. O multiculturalismo

O multiculturalismo, como o conhecemos hoje, é compreendido muito diferente da sua forma e conceito inicial. A dimensão do seu impacto sobre a identidade pessoal e coletiva dos povos, e sobre as formas de governança das nações e mediação das tensões têm sido profundas, e embora esteja claro que a maioria das pessoas está agora exposta a diversidade em todos os aspectos de suas vidas diárias - seja em nossas comunidades locais, escolas e locais de trabalho, ou indiretamente através da televisão, redes sociais e outros meios de comunicação – parece haver um "paradoxo da diversidade" (CANTLE, 2011). Isso quer dizer, quanto mais diversificada as sociedades se tornaram e, quanto mais pessoas expuseram a diferença dentro destas, mais elas parecem recuar em sua própria identidade, abraçar políticas de identidade e apoiar ideologias separatistas.

Paralelamente, a comunidade de migrantes é também cada vez mais ampla e diversificada e isso inevitavelmente leva a uma diversidade muito maior dentro dos estados-nação, particularmente nos países do ocidente, que são frequentemente os países alvo para a migração, e a amplitude desse movimento populacional é tal que várias são as sociedades ocidentais que hoje são caracterizadas por "super" ou "hiper" diversas, a exemplo de cidades como Londres, Estocolmo, Toronto, Nova York e Amsterdã com mais de 300 grupos de idiomas (CANTLE, 2011).

Isso redefiniu nossa noção de multiculturalismo que, anteriormente era vista apenas como países chegando a um entendimento com seus passados coloniais, em particular, aquelas nações majoritariamente brancas que tentavam aceitar e integrar minorias de negros e/ou asiáticos de suas antigas colônias. O multiculturalismo é agora muito mais complexo e as relações em comunidade são multifacetadas, não mais girando simplesmente em torno de distinções visíveis da maioria e minoria.

Os países que mais abarcam imigrantes do ocidente – EUA, Austrália e Canadá, se orgulham de seus recordes históricos no tocante à integração de imigrantes. Esses países têm agora mais de 150 anos de experiência em imigração e tem administrado a integração de um grande número de imigrantes oriundos de diversas partes do mundo, onde, segundo Will Kymlicka (2001), aparentemente sem qualquer séria ameaça à unidade, estabilidade ou prosperidade de suas nações.

There are few (if any) examples of immigrant groups mobilizing behind secessionist movements, or nationalist political parties, or supporting

revolutionary movements to overthrow elected governments. Instead, they have integrated into the existing political system, just as they have integrated economically and socially, and have contributed enormously to the economic, political, and cultural life of the larger society. This must be seen as an impressive achievement (KIMLICKA, 2001, p.152).

Porém, hoje em dia são muitos os que se preocupam com este histórico de integração, sejam eles meros cidadãos ou atores políticos atuantes em diversas nações. Existe um medo difundido de que os imigrantes de hoje contribuam para a formação de uma sociedade balcanizada, permanecendo assim em guetos e solapando uma coesão etno-sócio-cultural (KYMLICKA, 2001). Por diversas vezes vemos nos jornais internacionais um número cada vez maior das ditas *no-go-zones*¹, e conflitos entre os residentes locais e estrangeiros. Vemos debates cada vez mais acalorados, onde paralelamente a uma discussão razoável, se evidencia a insurgência de extremos opostos. O fato é que naturalmente existem desafios de assimilação, de convivência pacífica e harmoniosa com alguns grupos, e também da integração destes na sociedade que compõe o país que escolheram, país este que muitas vezes demonstra ter traços bastante distintos, ou como diriam alguns, incompatíveis com certos grupos. Por muitas vezes a culpa dessa incompatibilidade é atribuída aos próprios imigrantes, que são ditos pouco capazes ou indispostos a se integrarem. Porém, muito frequentemente a culpa é atribuída as atuais políticas governamentais em relação a estes. Em particular, diz-se que a recente adoção de várias políticas de multiculturalismo está desencorajando a integração dos imigrantes. Nesta visão, enquanto as políticas multiculturais podem ter intenções nobres e sinceras de criar uma sociedade mais inclusiva e justa, na prática elas tiveram consequências terríveis, incentivando o separatismo étnico (KYMLICKA, 2001).

Há ainda outros que argumentam que a lógica do multiculturalismo exige a aceitação de práticas culturais incompatíveis com valores democráticos liberais. Nesse sentido, discute-se que se o multiculturalismo implica a acomodação da diversidade etno-cultural. Deveríamos então flexibilizar-nos a ponto aceitar a prática

¹ Uma "no-go area" ou "no-go zone" é uma área que tem reputação de violência e crime, o que torna as pessoas assustadas em irem lá. É uma área, em uma cidade, protegida por autoridades civis não oficiais como uma força paramilitar por exemplo, ou uma área proibida para certos indivíduos ou grupos. Também se usou para se referir a áreas submetidas a insurgência onde as autoridades governamentais perderam o controle e não conseguem reforçar a soberania. Em 2012, o professor Hamid Ghodse, do Conselho Internacional de Controle de Narcóticos das Nações Unidas, incluiu áreas de Birmingham, Manchester e Liverpool como "áreas sem percursos" administradas por traficantes de drogas, comparando-as com as favelas brasileiras. As forças policiais locais negaram as reivindicações.

da clitoridectomia² feminina por exemplo, ou assim como também, propostas para o reconhecimento legal de casamentos compulsórios? Deveríamos aceitar a aplicação legal do direito de família muçulmana tradicional, ou permitir aos maridos citar a "cultura" como uma defesa quando acusados de bater em suas esposas? Seria o multiculturalismo, como dizem alguns, o "Cavalo de Tróia" que prejudica nossos valores e princípios de liberdade e igualdade mais apreciados? (SCHMIDT, 1997).

O fato é que a questão da migração e a experiência multiculturalista que vem a reboque tem rendido discussões em diversos seguimentos quem vão desde o campo étnico-cultural e da questão identitária até o campo econômico. E todas essas discussões vêm permeando a arena política dos países ocidentais, e se tornando de extrema relevância para a formação de suas políticas nacionais e composição de suas agendas de política externa.

Houve grandes mudanças na forma como as democracias ocidentais tratam os imigrantes nos últimos trinta anos, mudanças que muitas vezes são descritas como uma passagem da "assimilação" para o que aqui discutimos como "multiculturalismo". Até a década de 1960, os três principais países imigrantes adotaram um modelo de imigração chamada "*anglo-conformity*"³, ou seja, esperava-se que os imigrantes se adaptassem e se equiparassem às normas culturais existentes e, ao longo do tempo, se tornassem indistinguíveis dos cidadãos nativos em seu discurso, vestido, atividades de lazer, culinária, tamanho da família, identidade, e assim por diante.

Esta política fortemente assimilacionista foi vista como necessária para garantir que os imigrantes se tornassem membros leais e produtivos da sociedade que habitavam, e que através disso, fossem ainda mais "peneirados" através da visão etnocêntrica frente à outras culturas. De maneira que, alguns grupos tinham suas entradas negadas se fossem vistos como incompatíveis, foi o caso das restrições aos

² A clitoridectomia, como é chamada, é um ritual de passagem, ou iniciação, praticado na África, Oriente Médio e sudeste asiático há 2 000 anos. O objetivo é evitar que a mulher tenha prazer sexual. As vítimas em geral são bem jovens – entre uma semana e 14 anos – e os tipos de extirpação variam. Pode ser retirado desde uma parte do clitóris até os pequenos lábios da vagina. As operações são seguidas de muita dor e sangramento. Como são feitas em condições precaríssimas de higiene, com tesouras, facas e navalhas, o número de infecções é muito grande e boa parte das mulheres operadas torna-se estéril.

³ A anglo-conformidade é uma das teorias da assimilação que defende a ideia de que os imigrantes devem aprender o idioma local, adaptar-se a numerosas normas, compartilhar a cultura e os rituais cívicos, valores e instituições como forma de conformidade com a sociedade anglo-americana e anglo-saxã. Os Estados Unidos, que foram fundados por imigrantes europeus, desenvolveram o conceito na tentativa de explicar o que significava ser um americano.

imigrantes chineses no Canadá e nos Estados Unidos, e a política de imigração "branca" ou "*White Policy*"⁴ na Austrália, etc.

No entanto, a partir da década de 1970, sob a pressão dos grupos de imigrantes, os três países rejeitaram o modelo assimilacionista e adotaram políticas mais tolerantes e pluralistas que permitem de fato apoiar imigrantes a manter vários aspectos de seu patrimônio cultural e étnico. O que passou a não mais ser visto como antipatriótico. Além disso, as instituições públicas foram sendo instruídas para modificar suas regras, práticas e símbolos para acomodar as crenças e práticas dos grupos de imigrantes. (KYMLICKA, 2001).

O primeiro país a adotar oficialmente essa então política de "multiculturalismo" a nível nacional foi o Canadá em 1971. Em seguida muitos outros países, tais quais Austrália, Nova Zelândia, Suécia, Grã-Bretanha e Países Baixos se encarregaram de fazer o mesmo. No caso dos Estados Unidos, estes não possuem até hoje uma política oficial de multiculturalismo a nível federal, mas também adotou, implicitamente, essa abordagem. Pode-se encontrar políticas de multiculturalismo em praticamente todos os níveis do governo americano e em praticamente todas as instituições públicas, desde conselhos escolares e hospitais até a polícia e o exército. Como diz o sociólogo norte-americano Nathan Glazer (1997), "*we are all multiculturalists now*".

Entre as democracias ocidentais com um número considerável de imigrantes, a França é talvez o único país que permanece ligado ao modelo assimilacionista que citamos anteriormente. Como a abordagem multicultural é ainda, em termos históricos, relativamente nova, muitas pessoas têm diversas ressalvas. Os críticos preocupam-se que isso possa envolver a repudição não só do conceito de "*Anglo-conformity*", mas também da própria ideia inteira de integração.

De acordo com Schlesinger (1992), o multiculturalismo nos Estados Unidos encoraja a "fragmentação da comunidade nacional em uma disputa bárbara de enclaves, guetos, tribos... incentivando e exaltando o apartheid cultural e linguístico". Da mesma forma, Neil Bissoondath (1994) diz que o multiculturalismo no Canadá está encorajando a ideia de que os imigrantes deveriam formar guetos 'independentes' desligados do "*mainstream*". Essa "inegável guetização não é uma versão extrema e pejorativa do multiculturalismo, mas sim a sua natural e ideal; uma maneira de

⁴ A White Australia Policy foi o nome dado às leis que impediram que os imigrantes não brancos viessem a viver na Austrália. Essas leis foram implementadas em 1901 e foram revogadas da década de 1950 a 1970.

transportar vidas por inteiro, criando entrepostos de exotismos protegidos e preservados” (BISSOONDATH 1994).

Bissoondath ainda concorda com a afirmação de Schlesinger de que o multiculturalismo se baseia em um "culto da etnia" onde se evidencia um exagero das diferenças intensificando, assim, os ressentimentos e os antagonismos, fatores estes que impulsionam ainda mais as terríveis colisões entre raças e nacionalidades (SCHLESINGER 1992). Neil afirma que no fim das contas o que prevalece é a autopiedade e a formação de guetos.

Nesta visão, a demanda de imigrantes pelo multiculturalismo reflete a rejeição da tendência histórica para a integração em prol da busca de algo mais próximo dos direitos e poderes das minorias nacionais em solo estrangeiro, onde cada grupo imigrante procuraria formar e manter sua própria cultura social distinta da original local, provocando fissuras e fendas na sociedade.

Porém, outra visão é defendida por Will Kymlicka (2001), que explica o multiculturalismo como não sendo a única, ou nem mesmo a mais importante política governamental que afeta o lugar dos grupos étnicos de imigrantes nas democracias ocidentais. É apenas um componente modesto em um pacote maior. Muitos aspectos da política pública afetam esses grupos, incluindo políticas relacionadas à naturalização, educação, formação profissional, política de direitos humanos e anti-discriminação, emprego da função pública, saúde e segurança, até mesmo a defesa nacional. Segundo Kymlicka (2001) são essas outras políticas que são os principais motores da integração. Todas essas políticas e realidades sociais tem o poder de encorajar, pressionar, e até mesmo obrigar legalmente os imigrantes a tomar medidas para se integrar na sociedade. Sendo o mal ou bom funcionamento delas, essencial para entender a realidade destes grupos nos respectivos países que habitam.

Kymlicka (2001) parte da premissa de que se as democracias ocidentais requerem que os imigrantes integrem-se em instituições comuns que operam na língua nacional, estas precisam garantir que os termos de integração sejam justos. O autor transcorre em dois elementos básicos:

We need to recognize that integration does not occur overnight, but rather is a difficult and long-term process which operates inter-generationally. Hence special accommodations are often required for immigrants on a transitional basis. For example, certain services should be available in the immigrants' mother tongue, and support should be provided for those groups and organizations within immigrant communities which assist in the settlement/integration process; (b) we need to ensure that the common

institutions into which immigrants are pressured to integrate provide the same degrees of respect and accommodation of the identities of ethnocultural minorities that have traditionally been accorded to the majority group's identity. Otherwise, the insistence that immigrants integrate into majority-language institutions is tantamount to privileging the interests and lifestyles of the descendants of the original inhabitants or settlers. Fairness therefore requires an ongoing, systematic exploration of our common institutions to see whether their rules, structures and symbols disadvantage immigrants. Where necessary, these institutions must be reformed to eliminate or mitigate these barriers. Such measures are needed to ensure that we are offering immigrants fair terms of integration. The idea of multi-culturalism can be seen as precisely an attempt to negotiate such terms. (KYMLICKA, 2001, p.162)

Porém cabe entender que isto é uma “faca de dois gumes”, sendo a integração - ou não - dos imigrantes não apenas fruto destes elementos acima mencionados, mas também do anseio e/ou capacidades destes, existindo assim um efeito “cabo de guerra” entre a “balcanização” e a “integração”.

Para ilustrar isto, tomemos o exemplo de uma comunidade muçulmana fechada, onde os valores, regras, cultura, rituais cívicos etc são bastante diferentes, muitas vezes antagônicos, aos da sociedade ocidental em que essa habita. Em casos como este, fica mais fácil entendermos que embora haja políticas que facilitem de todas as formas uma coesão social, não há interesse ou mesmo permissão – muitas vezes por dogmas religiosos – de que haja aderência aos costumes locais. É a partir dessa perspectiva que Samuel Huntington desenvolve em 1993 o seu artigo intitulado “O Choque das Civilizações” que, publicado pela revista *Foreign Affairs*, alcançou grande repercussão provocando assim mais debates que qualquer outro publicado pela revista desde os anos 40. Nele, Huntington explora a importância das culturas locais como as principais motivadoras de alianças e choques no mundo contemporâneo.

Não há dúvida de que ele foi por três anos um motivo de discussão mais forte do que qualquer outro artigo que já escrevi. As reações e os comentários sobre ele vieram de todos os continentes e de dezenas de países. As pessoas ficaram impressionadas, intrigadas, indignadas, amedrontadas ou perplexas por meu argumento de que a dimensão central e mais perigosa da política mundial que estava emergindo seria o conflito entre grupos de civilizações diferentes. À parte qualquer outro efeito, o artigo abalou os nervos de pessoas de todas as civilizações. (HUNTINGTON, 1993, p.11)

Huntington argumenta que a política mundial está a entrar em uma nova fase onde os intelectuais têm produzido e multiplicado suas visões sobre o que seria esta fase. Tido por uns como o fim da história, o regresso às tradicionais rivalidades entre Estados-nações, o declínio do Estado-nação a partir das tendências em conflito do tribalismo e do globalismo etc, nenhuma destas visões, porém, foi capaz de abarcar o

que para Huntington vem a ser o aspecto crucial, e até mesmo central para entender os conflitos atuais e o que a política global pode vir a se tornar nos próximos anos.

Para Huntington, a principal fonte de conflito no contexto atual deste novo mundo não será prevalentemente ideológica ou predominantemente econômica. As grandes divisões existentes na humanidade e a fonte dominante de conflito serão culturais. Os Estados-nações continuarão a ser os atores mais poderosos nas questões mundiais, mas os principais conflitos da política global ocorrerão entre nações e grupos de diferentes civilizações. O choque de civilizações dominará a política global. As guerras civilizacionais serão as batalhas do futuro (HUNTINGTON, 1993). Este processo estaria em evolução desde o fim da primeira guerra, quando o conflito entre nações, que seria subsequente aos conflitos entre príncipes no cenário pós westfaliano, conduziu ao conflito de ideologias, onde são evidenciados movimentos como o comunismo, nazi-fascismo, seguidamente da democracia liberal etc. Todos esses conflitos ocorreram predominantemente na civilização ocidental, porém, com o fim da guerra fria, o foco da política internacional passa a não ser mais apenas no ocidente, mas sim na interação deste com as civilizações não ocidentais. Neste cenário, as sociedades não ocidentais não ocupam mais o posto de meros alvos do colonialismo ocidental, “mas juntam-se ao Ocidente como motores e modeladores da história” (HUNTINGTON, 1993).

Quando falamos de civilização devemos certamente abarcar uma série de elementos que compõem uma entidade cultural.

Aldeias, regiões, grupos étnicos, nacionalidades, grupos religiosos, todos têm culturas distintas em diferentes níveis de heterogeneidade cultural. A cultura de uma aldeia na Itália meridional pode ser diferente da de uma aldeia no Norte, mas ambas compartilham uma cultura italiana comum que as distingue das aldeias alemãs. As comunidades européias, por seu lado, partilharão traços culturais que as distinguem das comunidades árabes ou chinesas. No entanto, os Árabes, os Chineses e os Ocidentais não são parte de qualquer entidade cultural mais ampla. Constituem civilizações. Assim, a civilização é o mais elevado agrupamento cultural de pessoas e o nível mais amplo de identidade cultural que possuem e que distingue os humanos das outras espécies (HUNTINGTON, 1993, p. 24).

Assim, a civilização que o indivíduo pertence acaba por se tornar o nível mais amplo de identificação que este se sente ligado, de maneira a sobrepor as diferenças e heterogeneidades que as outras categorias de agrupamento, tais como religião, grupos étnicos, nacionalidades etc, possam impor, afinal, algumas civilizações podem ser uma mais complexa que a outra, podendo ser multifacetadas e englobar uma

grande heterogeneidade, mas mesmo assim, possuem em seu conceito de civilização o fator determinante criador de identificação aos que dela fazem parte. Huntington (1993) argumenta que as civilizações são “entidades com significado e, embora as linhas entre elas não sejam nítidas, são reais”. Dessa maneira ocorre de muitas delas terem de se dividir, fundir-se umas com as outras, ou mesmo desaparecer no caso de algumas, criando um dinamismo ao seu próprio conceito.

Partindo deste princípio, Huntington (1993) argumenta que a identidade civilizacional será cada vez mais importante no futuro, e que o mundo será moldado em grande parte pelas interações de sete ou oito civilizações, sendo elas a ocidental, a confucionista, a japonesa, a islâmica, a hindu, a eslavo-ortodoxa, a latino-americana e, possivelmente, a africana. Os conflitos mais importantes que ocorrerão no futuro, segundo Huntington (1993), se deverá então as divergências de interesses que separam estas civilizações umas das outras, pois as diferenças entre essas civilizações são reais e básicas, elas diferenciam-se uma das outras pela história, cultura, tradição, língua, e principalmente pela religião. Esses indivíduos, de civilizações diferentes em diferentes níveis, têm entendimentos distintos sobre questões como o cidadão e o Estado, o indivíduo e o grupo, os pais e os filhos, o marido e a mulher, e principalmente entre Deus e o homem. Assim como também divergem, muitas vezes, sobre a importância dos direitos e deveres diante da sociedade, a liberdade e a autoridade, a igualdade, a hierarquia etc. (HUNTINGTON, 1993).

Tais diferenças e divergências são resultado de séculos de existência dessas sociedades vivendo separadas das outras, muito antes que a globalização pudesse fazer com que estas se entrelaçassem. São diferenças muito mais importantes do que as diferenças ideológicas e que não desaparecerão em pouco tempo. Isso não significa dizer que elas irão, automaticamente, gerar conflitos violentos, porém, a história nos dá vários exemplos de diversos conflitos, por muitas vezes violentos e duradouros, que ocorreram por tais diferenças entre civilizações.

Outro ponto relevante como fomentador de conflitos seria o efeito da globalização que tem tornado a interação entre os povos distintos muito mais fluida, o que por consequência “intensifica a consciência civilizacional e a constatação das diferenças entre as civilizações e das similitudes existentes dentro delas” (HUNTINGTON, 1993, p. 25). Nesse ponto, Huntington menciona os fluxos migratórios e o consequente choque cultural e hostilidades observadas.

As interações entre povos de civilizações diferentes fazem aumentar a consciência civilizacional das pessoas e, por outro lado, acentuam as diferenças e as animosidades que estão radicadas, ou assim se pensa, bem fundo na história. (HUNTINGTON, 1993, p. 26).

Há também de se mencionar, como outro fator que corrobora para o choque, o advento do regionalismo econômico, que cresceu bastante nas últimas décadas. Tal fenômeno fez gerar um paradoxo, por um lado, o regionalismo econômico acentuará a consciência civilizacional, mas, por outro, este mesmo regionalismo econômico só pode ter sucesso quando estiver fixado numa civilização comum, com elementos de coesão.

Tomemos o exemplo da União Europeia (UE), que tem seus alicerces numa criação partilhada da cultura europeia e do cristianismo ocidental. Ou do sucesso da Área de Comércio Livre Norte-Americano (NAFTA) que depende da convergência das culturas mexicana, canadense e americana. Em contrapartida, devido a suas diferenças e singularidades culturais, o Japão enfrenta dificuldades na criação de uma entidade econômica similar no extremo oriente. Por mais forte que seja o comércio e o investimento que o Japão possa desenvolver com os demais países da Ásia oriental, as diferenças culturais do Japão com relação a estes países reduzem e inibem a possibilidade de melhoria e aprimoramento da qualidade desta integração econômica regional, justamente o contrário do que acontece na Europa e na América do Norte.

Paralelamente, ocorre a rápida expansão das relações econômicas entre a República Popular da China, Hong-Kong, Singapura, Taiwan e as comunidades de chineses ultramarinos em vários outros países da Ásia justamente devido a uma cultura comum está claramente estabelecida como elemento facilitador dessa coesão (HUNTINGTON, 1993). Ou seja, a comunhão cultural acaba se tornando quase como um pré-requisito, também, para a integração econômica de sucesso. Como já dizia o presidente turco Turgut Özal ao depreciar a recusa que fora dada ao seu país na tentativa de adesão como membro da UE “é que nós somos muçulmanos e eles são cristãos, mas isso eles não dizem” (HUNTINGTON, 1993, pp. 28)

Todas essas implicações nos evidencia o caráter de um choque que, como demonstrarei no decorrer deste trabalho, já estaria em certa medida, ocorrendo em determinadas sociedades, e talvez de uma forma não prevista pelos impulsionadores das políticas multiculturalistas. Tema este, que nos leva ao próximo tópico deste capítulo, que abordará sobre questão da identidade.

1.1. A questão da identidade no mundo globalizado

Percebeu-se nas últimas décadas a preocupação na busca e na necessidade de identificar um conceito de identidade, assunto esse que não é novo, porém, atualmente observam-se novos questionamentos, principalmente com relação ao fenômeno da globalização e a maneira que este vem afetando a identidade de diversas sociedades e até mesmo Estados completos.

Tomaremos como identidade de um povo todo o conjunto de relações sociais, símbolos herdados e historicamente compartilhados que estabelecem a união de certos valores entre os integrantes de uma determinada sociedade. Devemos compreender a expressão de uma identidade através diversos tipos de manifestações que podem incluir desde a língua de um povo até a interação em seus diversos eventos. Os indivíduos compartilham diversos elementos entre si, criando uma estrutura que nela residem. Tais elementos de identidade são importantíssimos para que um determinado grupo faça parte de uma cultura, fatores como o local, a história, a etnia, a raça, a língua e a crença religiosa são criação da interação social entre os seres, e isso é transmitido de geração em geração de maneira a transformar-se em uma riqueza histórica. Nesta perspectiva, a identidade é compreendida como culturalmente formada, um posicionamento e não uma essência, ligada à discussão das identidades culturais, nacionais e as que se formam por sentidos cambiantes e contínuos do cotidiano do sujeito (HALL, 1996). “As identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e da história” (HALL, 1996, p. 70). Portanto, a identidade cultural são as particularidades que um indivíduo ou grupo atribui a si pelo fato de sentir-se pertencente a uma cultura específica.

Porém, a identidade é observada por perspectivas diferentes. Alguns autores definem identidade como “conceito de si”, “representação de si” e “sentimento pessoal”, analisando-as sob a perspectiva de identidade social e pessoal, como atributos específicos do indivíduo e/ou características que assinalam o pertencimento a grupos ou categorias (GIDDENS, 1991; JACQUES, 1998; BOURDIEU, 2003).

Apoiada numa ideia de passado, a identidade se estabelece como impulsionadora de uma construção social fazendo os indivíduos que nela estão inseridos se sentirem mais próximos e semelhantes uns dos outros, formando então a ideia de unidade, sendo responsável pela identificação e diferenciação dos diversos

indivíduos de uma sociedade, estando intrinsecamente ligada à memória destes. Nesse sentido, Ernest Renan em seu ensaio sobre o tema identidade, aponta três elementos que estabelecem o princípio da unidade de uma nação “... a posse em comum de um rico legado de memórias, o desejo de viver em conjunto, e a vontade de perpetuar, de uma forma indivisível, a herança que se recebeu” (apud HALLS, 2005, p. 58)

Já para Gellner (1983) as identidades nacionais são o fruto da agregação de duas coisas; uma delas é a reconhecimento do indivíduo com a cultura nacional, e a outra, a condição do indivíduo como membro do estado-nação político. Ou seja, seria necessário haver uma harmonia entre a esfera política e a cultura, de modo a torná-las congruentes, fazendo assim com que “culturas razoavelmente homogêneas, tenham, cada uma, seu próprio teto político” (GELLNER, 1983, p. 43). Gellner explica que há um certo impulso pela unificação que existe nas culturas nacionais, descrevendo em seu trecho:

(...) a cultura é agora o meio partilhado necessário, o sangue vital, ou talvez, antes, a atmosfera partilhada mínima, apenas no interior da qual os membros de uma sociedade podem respirar e sobreviver e produzir. Para uma dada sociedade, ela tem que ser uma atmosfera na qual podem todos respirar, falar e produzir; ela tem que ser, assim, a mesma cultura (GELLNER, 1983, p. 37-38).

De modo que, também devemos levar em consideração, que a maioria das nações consistem de culturas separadas que só foram unificadas por um longo processo de conquista, muitas vezes violenta, o que significa a supressão forçada da diferença cultural do povo conquistado em prol da afirmação e estabelecimento de uma cultura hegemônica do conquistador. Dessa maneira, temos a possibilidade de interpretar a imigração que ocorre hoje na Europa, EUA, e demais países ocidentais tidos como destino para imigrantes, e a difusão sócio-cultural que vem a reboque, principalmente através das políticas multiculturalistas, como uma nova etapa desse processo, agora, claramente através de novos mecanismos muito mais paulatinos, mas que de certa forma não deixam de criar fissuras na coesão etno-sócio-cultural pré-estabelecida através de um novo processo de unificação artificial, afinal, os diversos países da Europa Ocidental, que hoje debatem sobre o tema da migração e multiculturalismo, não possuem uma nação que seja composta de um único povo, uma única cultura ou etnia, “as nações modernas são, todas, híbridos culturais” (HALL, 2005, p. 62).

A modernidade traz consigo mudanças radicais para o mundo, mudanças referidas por Giddens (1991) como consequências da modernidade. A mudança das concepções de espaço e tempo é uma dessas consequências. O espaço e o tempo estavam plenamente relacionados no cotidiano das sociedades pré-modernas. Com a chegada a modernidade, a padronização de um calendário, a invenção dos relógios, e a possibilidade de se deslocar por grandes distâncias em um tempo cada vez menor, a associação entre tempo e espaço é reduzida. Com este espaço flexibilizado, as atividades humanas passaram a ecoar fora dos contextos locais, atingindo o global.

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais "lá fora" e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as "necessidades" objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (HALL, 1998, p.12)

Tudo isso ocorre em um momento de forte globalização. O progresso das tecnologias de comunicação e transporte está unindo, cada vez mais, o global e o local. A maior interdependência global leva a um colapso das identidades tradicionais, ligadas ao local, e produz uma diversidade cada vez maior de estilos e identidades (HALL, 1998). A disseminação de informações oriundas de diversos locais do mundo hibridiza, porém, por outro lado hegemoniza. Os locais se fundem, e identidades que eram, anteriormente, locais, são, agora, vistas em qualquer local. Alguns padrões ecoam em todos os lugares, padrões relacionados ao consumo:

Os fluxos culturais, entre as nações, e o consumismo global criam possibilidades de "identidades partilhadas" - como "consumidores" para os mesmos bens, "clientes" para os mesmos serviços, "públicos" para as mesmas mensagens e imagens - entre pessoas que estão bastante distantes umas das outras no espaço e no tempo. (HALL, 1998, p. 74)

E também afirma:

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente. (HALL, 2014, p. 43)

É certo afirmar que o mundo está a cada dia mais interconectado, e não podemos parar o processo de globalização que o torna de tal maneira, na verdade, a tendência é de que esse ritmo de mudança acelere cada vez mais na medida que os

setores econômicos e redes sociais se tornam cada vez mais fluidos, interligadas e interdependentes. Essa globalização tem, incontestavelmente, garantido que grande parte dos países se tornem cada vez mais multiculturais, assim, a população destes se constituirá cada vez mais por pessoas de diferentes nacionalidades, religiões e origens étnicas. A facilidade que se tem hoje para viajar, assim como a abertura do mercado de trabalho e do mercado financeiro demonstra que isto é um caminho quase que sem volta. Mas isso também significa dizer, que as políticas multiculturais que muitos governos têm usado para mediar essas mudanças podem não ser mais apropriadas no contexto atual, precisando ser reconsideradas. E essas mudanças seguem nos mostrando os desafios que prevalecem dentro de uma nova realidade onde a questão da identidade assume um novo conceito numa dinâmica de fluidez nunca visto antes Cantle (2011).

Naturalmente isso acaba por se tornar um desafio para as comunidades e a forma como as pessoas comuns vivem suas vidas, assim como também, é um grande desafio para os governos, que segundo Cantle (2011) têm sido lentos para reconhecer a fluidez das mudanças populacionais e os impactos da transnacionalidade:

Governments inevitably cling to the idea of national sovereignty and maintain the pretence that they still command all activities within their borders – this is fundamental to their contract with the people that vote for them. Any suggestion of the loss of sovereignty is quickly contested and, rather than reflecting the process of globalisation, Governments find it difficult to acknowledge the limits of their influence over their citizens and are not prepared to argue for the ceding of their power to international agencies. (From Multi to Inter Culturalism (CANTLE, 2011, pp. 4-5)

De forma que, o ideal de uma comunidade internacional integrada de tal maneira, onde ideias e culturas podem unir as fronteiras nacionais para criar um mundo em que estamos confortáveis com relação ao outro, muitas vezes não é enxergado como uma política racional ou mesmo aplicável para uma grande camada da esfera política e social, sendo visto como um excesso de idealismo. Paralelamente, enquanto que muitas pessoas então cada vez mais cruzando fronteiras, seja através de imigração econômica, reagrupamento família através de casamentos, construindo novas redes, e criando relações pessoais reais e tangíveis em todos os níveis, há muitas pessoas com rejeição a essas políticas, com receio do impacto que isso venha a trazer para suas comunidades e suas identidades coletivas.

A globalização, dessa forma, compreende processos que geram hibridização de culturas, de formas de ser e estilos de vida, mas, também, processos que geram

homogeneização, negam o local e geram um global, desenvolvendo assim uma forte padronização. Assim, as culturas locais se relacionam, superando sua localidade, e acolhem, ao mesmo tempo, uma cultura de consumo compartilhada globalmente, frequentando shoppings, supermercados, estradas e aeroportos. Nesse sentido encontramos em Augé (1994) a consideração de que a vida urbana contemporânea promove os não-lugares, espaços que não podem ser traduzidos por vínculos de identidade ou históricos – lugares de fluxo, de transição. São locais que não mais indicam as identidades através das relações sociais neles estabelecidas, lugares destinados à passagem, à negação dos vínculos relacionais.

As culturas nacionais são, a rigor, atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo “unificadas” apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural o que paulatinamente forjará uma coesão. É através desse esforço coordenado que as nações forjam uma identidade compartilhada que sobre passa por cima de qualquer outro conceito prévio de etnia ou mesmo raça, pois, como observou Ernest Renan (apud HALL, 2005).

As principais nações da Europa são nações de sangue fundamentalmente misto: a França é (ao mesmo tempo) céltica, ibérica e germânica. A Alemanha é germânica, céltica e eslava. A Itália é o país onde gauleses, etruscos, pelagianos e gregos, para não mencionar outros, se cruzam numa mistura indecifrável. As ilhas britânicas, consideradas como um todo, apresentam uma mistura de sangue celta e germânico, cujas proporções são particularmente difíceis de definir.

E essas misturas são relativamente simples quando comparadas com as encontradas na Europa Central e Oriental.

Então, quando vamos discutir sobre o multiculturalismo e a questão das identidades nacionais, devemos ter em mente que, a rigor, para que todas as nações se formasse do jeito que são hoje, elas viveram, em certa medida, um processo de congregação de diferentes povos, onde as culturais nacionais contribuíram para “costurar” as diferenças numa única e compartilhada identidade. E que, de acordo com Schwars (1986) uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu "poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade" (apud HALL, 2005).

Dessa forma, Stuart Hall demonstra que as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são paulatinamente colocadas para nós de maneira a interiorizarmos isto. Segundo SCHWARZ (1986, p. 106), conforme citado por HALL (2005, pp 48-49):

Nós só sabemos o que significa ser "inglês" devido ao modo como a "inglesidade" (Englishness) veio a ser representada - como um conjunto de significados - pela cultura nacional inglesa. Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos - um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da idéia da nação tal como representada em sua cultura nacional.

Identidade pode ser definida então, como a grande fonte de significado das pessoas. Como disse Calhoun (1994):

We know of no people without names, no languages or cultures in which some manner of distinctions between self and other, we and they, are not made . . . Self-knowledge – always a construction no matter how much it feels like a discovery – is never altogether separable from claims to be known in specific ways by others. (CALHOUN, 1994, pp. 9-10)

Castells (1997) se refere por identidade como o processo de construção de significado com base em um conjunto de atributos culturais. Podendo haver, para um determinado indivíduo, uma pluralidade de identidades. No entanto, essa pluralidade é uma fonte disputa entre uma auto-definição e os papéis sociais. Isso ocorre porque a identidade deve ser distinguida do que tradicionalmente os sociólogos chamam de papéis e conjuntos de papéis. Esses papéis (por exemplo; ser trabalhador, ser mãe, vizinho, militante socialista, um membro do sindicato, um jogador de basquete, um músico, um artista etc) são definidos por normas estruturadas pelas instituições e organizações da sociedade, tendo um peso relativo na influência do comportamento dos indivíduos. De maneira que, a auto-definição acaba muitas vezes sendo fruto dos papéis sociais e vice-versa (CASTELLS, 1997).

No entanto é fácil concordar com o fato de que, de uma perspectiva sociológica, todas as identidades são construídas. A verdadeira questão é como, de que, por quê e para quê. A construção de identidades usa construção materiais da história, da geografia, da biologia, dos produtivos e instituições reprodutivas, da memória coletiva e das fantasias pessoais, de aparelhos de poder e revelações religiosas. (fazer referência ao ep de black mirror dos imigrantes?) Porém, indivíduos, grupos sociais e sociedades processam todos esses materiais, e reorganizam o seu significado, de acordo com seus papéis sociais e bagagem cultural que estão enraizados em sua estrutura social, e em a sua estrutura espaço / tempo.

Manuel Castells em propõe uma distinção entre tipos e formas de como se origina a construção da identidade: a primeira delas é a Identidade Legítima, que seria introduzida pelas instituições dominantes de uma determinada sociedade e tendo

como efeito a racionalização e a expansão de alcance de sua dominação frente aos atores sociais. Em seguida teríamos a Identidade de Resistência que é aquela gerada por atores que estão em posições/condições desvalorizadas e /ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo trincheiras de resistência e sobrevivência na base de princípios diferentes ou opostos aos que permeiam as instituições da sociedade, como acontece em certos grupos de imigrantes, por exemplo. E por último viria a Identidade Projetada, quando os atores sociais, com base em qualquer materialidade cultural que está disponível para eles, cria uma nova identidade que redefine sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, procura a transformação da estrutura social geral. Este é o caso quando, por exemplo, o feminismo sai das trincheiras da identidade de resistência das mulheres, para desafiar o patriarcado e a família patriarcal e, portanto, toda a estrutura de produção, reprodução, sexualidade e personalidade em que as sociedades têm sido historicamente baseadas. Ou mesmo quando uma comunidade de imigrantes sai em reivindicações por direitos e/ou os mesmos conseguem representatividade política (CASTELLS, 1997).

Assim, podemos perceber que a amplitude das perspectivas sobre a questão identidade é abrangente, sabendo que, na esfera política, ela toma diferentes vertentes de maneira a se adequar nas teorias e políticas propostas. No entanto, a questão motivadora é simples; poderiam civilizações distintas, com diferentes graus de complexidade e diferentes percepções e entendimentos com relação à certas questões chave para uma coesão social poderem viver pacificamente juntas? Poderiam, por exemplo, ocidentais e muçulmanos, povos com diferenças tão discrepantes e por muitos tidos como antagônicos, gozarem de um processo de assimilação e/ou viverem pacificamente entre si numa sociedade “multiculturalizada” por eles mesmos?

2. Os conflitos de Bradford e suas problemáticas

Para entender como se deu o cenário que veremos a seguir precisaremos relembrar alguns fatores históricos. A imigração do pós-guerra no Reino Unido aconteceu em duas fases principais. A primeira fase, pós-colonial, foi de 1948 até o início dos anos 90, a segunda fase começou em 1997 e continua até hoje. Os principais fluxos na primeira fase foram do Caribe, do subcontinente indiano e da África, com fluxos paralelos e contínuos também da Irlanda. Aproximadamente 2 milhões de pessoas chegaram nesse período e tiveram cerca de 2 milhões de crianças, o que representa uma população de minorias étnicas de 4 milhões, ou cerca de 7% da população total em meados da década de 1990 (POULSEN, 2005).

Na segunda fase, compreendida de 1997 até o presente atual, a taxa anual de entrada de estrangeiros foi duas a três vezes maior do que na primeira fase - e a população de minorias étnicas na Inglaterra e País de Gales quase triplicou para mais de 11 milhões ou mais de 20% da população. Em meados da década de 1990, apenas 40% da população de minorias étnicas da Grã-Bretanha era nascida no exterior.

A Grã-Bretanha, ao contrário da América do Norte e outros países, não tem minorias tradicionais ou indígenas, mas há centenas de anos houve pequenas comunidades minoritárias, principalmente irlandesas e judaicas, com alguns africanos e indianos, em várias grandes cidades como Londres, Liverpool e Cardiff. Quando a onda pós-colonial começou em 1948, a maioria dos recém-chegados tinha pouco dinheiro e acabaram em alojamentos alugados em áreas menos favorecidas, o que gerou o surgimento de favelas ou bairros tradicionalmente de imigrantes. Eles se estabeleceram onde poderiam encontrar trabalho ou onde amigos e familiares já estavam estabelecidos. Aqueles que lutaram na guerra às vezes retornavam para onde era o seu antigo lugar de acampamento. A comunidade caribenha em Nottingham é um exemplo disto, sendo em parte o resultado da presença caribenha no campo militar durante a guerra (KAUFMANN, 2013). Foram homens que lutaram contra Hitler e ajudaram a reconstruir a Grã-Bretanha, mas as contribuições de milhares destes homens e mulheres de colônias caribenhas durante a Segunda Guerra Mundial foram em grande parte esquecidas.⁵

⁵ Durante a Segunda Guerra Mundial, milhares de voluntários negros do Caribe se juntaram à luta contra a Alemanha nazista, mas sua contribuição para o esforço de guerra é muitas vezes negligenciada. Eles arriscaram suas vidas pelo rei e império e, no processo, se tornaram mais

A maioria dos imigrantes se agrupou em comunidades de minorias étnicas, em parte por suas próprias escolhas e autoproteção, e em parte pelo incentivo das próprias autoridades britânicas (incluindo os agentes imobiliários). Embora alguns caribenhos, africanos e bengaleses tenham conseguido se concentrar em moradias sociais do governo, essas habitações não eram geralmente abertas a imigrantes até o final dos anos 1960 e início dos anos 1970. Muitos indianos e paquistaneses tinham comprado suas próprias casas. Os paquistaneses tendiam a se estabelecer em Birmingham e nas cidades dos engenhos do Norte. Os indianos se estabeleceram no oeste de Londres e em Slough, Leicester, Birmingham e Wolverhampton. Os caribenhos e africanos ficaram mais concentrados no sul de Londres, mas com assentamentos significativos também em Birmingham, Bristol, Leeds e Manchester. Todos esses grupos tinham fortes laços anteriores com a Grã-Bretanha através do império e tinham acesso aberto ao país, pelo menos de 1948 a 1962, e cidadania automática (CATNEY; SIMPSON, 2010)

A segunda fase importante da imigração, a partir de 1997, não foi, como se acredita, dominada pelos europeus do Leste, que começaram a chegar em 2004 depois que seus países aderiram à União Europeia. Cerca de 1,1 milhão de europeus do Leste residem atualmente na Grã-Bretanha, mas apenas cerca de um terço da imigração líquida desde 1997 vem da União Europeia. A maioria dos imigrantes da segunda fase continuou vindo de países em desenvolvimento. Como na primeira fase, muitos vieram dos mesmos países da África e da Ásia, mas acrescentados por outros migrantes de lugares como a Somália, Afeganistão e Zimbábue. Isso foi resultado de um aumento daqueles que buscavam asilo, além de viagens internacionais mais fáceis e regras de imigração relativamente relaxadas depois de 1997, que atraíram pessoas de uma gama mais ampla de países para a economia em expansão da Grã-Bretanha (KAUFMANN & HARRIS, 2014).

Os imigrantes da segunda onda muitas vezes iniciavam suas vidas na Grã-Bretanha nos lugares de assentamento da primeira onda, mas sua chegada também acelerou o processo de dispersão das minorias étnicas, que já estava em andamento, em locais mais suburbanos. Os bairros periféricos de Londres, como Redbridge e

determinados do que nunca a lutar pela igualdade racial. A presença de militares e mulheres negras na Grã-Bretanha foi o começo da sociedade multicultural britânica atual. Suas experiências de vida na Grã-Bretanha também mudaram a vida nas colônias através de seus esforços para garantir a independência de seus países, conseguindo repercussões de longo alcance.

Merton, que tinham sido esmagadoramente ocupados por brancos britânicos em meados da década de 1980, tornaram-se cada vez mais misturados e multiculturais. Os europeus do leste também instalaram-se em centros de imigração estabelecidos como Londres, Slough e Bradford, mas também se espalharam em diversas outras áreas (CATNEY; SIMPSON, 2010)

Nesse contexto, no verão de 2001, várias cidades do norte da Inglaterra entraram em erupção numa onda choques predominantemente provocados por tensões raciais. Em Oldham em 26 de maio, Burnley em 23 de junho e Bradford em 7 de julho. Embora comparáveis às de 1981 e 1985, as revoltas de 2001 foram significativamente bem diferentes das dos anos anteriores e marcam um novo ponto de partida na política racial da Grã-Bretanha.

A Grã-Bretanha tem testemunhado sequências de "tumultos" envolvendo fatores raciais desde o final dos anos 1950, quando brancos e africanos caribenhos lutaram em Nottingham e em Notting Hill. Porém, de acordo com o *Bradford Commission report* (1996), as revoltas de 1981 e 1985 foram vistas por muitos como insurreições da comunidade contra a polícia. Os antecedentes naquelas ocasiões envolviam o policiamento pesado que predominava as comunidades afro-caribenhas. Além disso, a revolta que ocorreu em Manningham, Bradford dentre os dias 10 e 12 de junho de 1995 e envolvendo principalmente os sul-asiáticos foi de particular relevância, e fora mais uma vez popularmente atribuído ao policiamento pesado embora os relatórios oficiais simplesmente culpassem os indivíduos como "anti-sociais".

Nas revoltas de 2001, certos elementos se repetem, como os conflitos raciais no estilo dos que aconteceram anos 1950, com os sul-asiáticos e brancos atacando as propriedades uns dos outros, e a colaboração entre eles ao confrontar com a polícia, tida como um adversário em comum. Porém, embora existissem características bastante semelhantes àquelas em que o policiamento estava envolvido, outros fatores também surgiram, de modo a tornar as revoltas de 2001 mais complexas.

Diversas visões foram apresentadas sobre as revoltas da década de 1980, muitas delas ressaltando as maiores causas dos conflitos sendo oriundas dos efeitos do desemprego e da privação urbana que estas comunidades vivenciavam, isso foi tido como verdade pois cerca de metade das pessoas presas em julho de 1981, estavam desempregadas (BENYON, 1984, apud BAGGULEY & HUSSAIN, 2003). Ou

seja, nesta visão, o desemprego e a falta de oportunidade foram os grandes responsáveis por levar essas minorias ao afastamento da ação política (ROBERTS, 1984, apud BAGGULEY & HUSSAIN, 2003), sendo o fator desencadeante para a propensão à protestos violentos sem objetivos políticos claros.

Porém, muitas dessas visões hoje são consideradas com reducionistas. Já que 1992 David Waddington apresenta uma visão mais holística na tentativa de teorizar os tumultos dos anos 80. De acordo com Waddington (1992) os desordeiros eram economicamente carentes e viam as políticas convencionais como ilegítimas já que eles não podiam influenciar na tomada de decisões ou sequer ter relevância política. Rotineiramente esses grupos de minorias eram vistos como hostis pela polícia e estereotipados negativamente pela mídia.

Durante a década de 1980 existia uma espécie de fobia e ansiedade em torno da criminalidade negra e as respostas policiais resultantes disto eram fundamentais para entender a essência e causa dos conflitos. Esses grupos consideravam seus espaços urbanos como um território a ser defendido contra a polícia, e muitas vezes haviam rumores e expectativas de conflitos entre estes. Nessas situações, surgiam os tumultos em resposta a eventos particulares, como uma prisão de um membro da comunidade, diversas formas de abuso de autoridade policial em cima de um membro etc. Esses tumultos se transformavam em conflitos violência em ambos os lados. Tudo isso sem contar com o surgimento de mobilizações neofascistas que já se manifestavam politicamente (WADDINGTON, 1992).

De acordo com Ray e Smith (2002 apud BAGGULEY & HUSSAIN, 2003), as revoltas de 2001 estavam diretamente ligadas com o fato da nova mobilização neofascista que ganhava força com o partido BNP⁶ e a FN⁷, e que alarmou as comunidades étnicas minoritárias que tiveram suas vidas marcadas pelo racismo contínuo. Todas as áreas onde a violência entrou em erupção passaram por um histórico de propagação de uma agitação que estava ligada ao aumento da violência racial, à desconfiança e desilusão de longa data com a polícia, à presença explícita e

⁶ O Partido Nacional Britânico ou BNP (em inglês: British National Party) é um partido político britânico de extrema-direita formado a partir da ruptura do grupo de John Tyndall com a Frente Nacional Britânica em 1982. O BNP busca restaurar a etnicidade branca do povo britânico através de medidas legais, como "incentivos aos imigrantes e seus descendentes para voltarem para casa" e o veto a leis anti-discriminação. Para o partido, há diferenças significativas entre as raças.

⁷ A Frente Nacional (em francês: Front National) é um partido político francês de extrema-direita e de caráter protecionista, conservador e nacionalista. Foi fundado em 1972 com o intuito de unificar as várias correntes nacionalistas da época. Jean-Marie Le Pen foi o primeiro líder do partido e sua figura central até sua renúncia em 2011. A atual líder da FN é Marine Le Pen, sua filha.

crescente do BNP e outros grupos de extrema direita, e à pobreza e desemprego arraigados que existiam nas cidades.

O papel da NF em provocar os "tumultos" foi revelado em um relatório do Times sobre o tribunal de dez dos treze membros da FN que haviam sido presos por provocar desordem pública. Eles tinham marchado dentro de uma área multiétnica de Oldham gritando palavras de ordem de cunho racista e ostentando uma bandeira do Reino Unido. Todos os 13 eram de fora de Oldham, havendo eles, se locomovido até a cidade no intuito de fazer as provocações. Os seus endereços que foram apresentados no tribunal eram de Birmingham, Essex, Londres e País de Gales. Oldham era claramente o alvo de uma campanha nacionalmente coordenada da NF. A cidade teria sido o foco de uma luta entre as duas principais organizações neofascistas da Grã-Bretanha - o BNP e a NF - com o BNP começando a recrutar cidadãos de Oldham cerca de 18 meses antes. Ambos usavam a linguagem *racial justice* para os brancos, como ilustrado no slogan *rights for whites* (BAGGULEY & HUSSAIN, 2003)

Existem sérios problemas com relação à deficiência econômica e social existentes nas comunidades paquistanesas e bengaleses residentes no Reino Unido, mais de 80% destas vivem em domicílios cuja renda é inferior à média nacional; em média, as famílias contêm duas vezes mais pessoas do que as famílias brancas; e os domicílios dos bengaleses estão concentrados nas áreas mais pobres da Inglaterra, enquanto que os brancos compõem apenas 14% destas áreas. Os homens paquistaneses e bengaleses têm chances bem maiores de estarem desempregados do que os homens brancos, e os que trabalham recebem apenas 2/3 da renda média dos homens brancos (MODOOD et al., 1997). Tal desigualdade já se alastrava por décadas, o que gerou um fenômeno separatista sucessivo.

Na escala dos danos causados e do choque que eles entregaram à nação, os tumultos de 2001 foram os piores tumultos no Reino Unido desde os levantamentos Handsworth, Brixton e Tottenham de 1985 (KUNDNANI, 2001). Arun Kundanani (2001) faz uma análise comparativa entre os confrontos do verão de 2001 nas cidades do norte da Inglaterra, como os conflitos vistos anteriormente:

The fires that burned across Lancashire and Yorkshire through the summer of 2001 signalled the rage of young Pakistanis and Bangladeshis of the second and third generations, deprived of futures, hemmed in on all sides by racism, failed by their own leaders and representatives and unwilling to stand by as, first fascists, and then police officers, invaded their streets. Their violence was ad hoc, improvised and haphazard. It was no longer the organised community

self-defence of 1981, when the Asian Youth Movement burnt down the Hambrough Tavern in Southall, where fascists had gathered, or when twelve members of the Bradford Black United Youth League were arrested for preparing petrol bombs to counter violent fascist incursions into their community. And whereas the 1981 and 1985 uprisings against the police in Brixton, Handsworth, Tottenham and Toxteth had been the violence of a community united – black and white – in their anger at the ‘heavy manners’ of the police, the fires this time were lit by the youths of communities falling apart from within, as well as from without; youths whose violence was, therefore, all the more desperate. It was the violence of communities fragmented by colour lines, class lines and police lines. It was the violence of hopelessness. It was the violence of the violated. (KUNDNANI, 2001)

Os tumultos em Oldham ocorreram durante três noites sucessivas – 26, 27 e 28 de maio - foram altamente violentos e dentre outras coisas, incluíram o uso de bombas caseiras, tijolos, garrafas e outros projéteis usados por até quinhentos jovens asiáticos enquanto lutavam contra as linhas policiais. Pelo menos 20 pessoas ficaram feridas nesses tumultos, incluindo quinze oficiais, e 37 pessoas foram presas (TEMKO, 2006). Os conflitos estavam diretamente ligados à tensão racial e étnica entre as comunidades asiáticas e brancas, o que acontecia paralelamente com a divisão social e a pobreza.

O Correspondente de assuntos internos da *BBC News*, Dominic Casciani, explanou em matéria denominada *Q&A: 2001 northern town riots* alguns dos aspectos do conflito, estes que, no fim de semana de 23 e 24 de junho de 2001, já haviam chegado em Burnley, abrangeram cerca de 200 jovens brancos e asiáticos que, seguindo o padrão dos conflitos, participaram de uma série de ataques noturnos em bares, lojas e restaurantes. Muitos veículos também foram danificados ou destruídos em confrontos entre centenas de jovens brancos e asiáticos e danos generalizados à diversas propriedades (CASCIANI, 2001).

Finalmente, em 7 de julho de 2001, o ápice da onda de violência entrou em erupção em Bradford, quando 1.000 jovens praticaram uma destruição generalizada à área de Manningham. Os eventos em Bradford explodiram quando uma marcha da Liga Anti-Nazi⁸ entrou em confronto com apoiantes da Frente Nacional (CASCIANI, 2001).

Nas noites de 8 e 9 de julho, gangues com cerca de trinta a cem jovens brancos fizeram uma série de ataques. Seus alvos principais eram a polícia e várias empresas

⁸ A Liga Anti-Nazi (ANL) foi uma organização criada em 1977 por iniciativa do Partido Socialista dos Trabalhadores com o patrocínio de alguns sindicatos e o endosso de uma lista de pessoas proeminentes para se opor ao surgimento de grupos de extrema direita No Reino Unido. Foi encerrado em 1981. Foi relançado em 1992, mas se fundiu em Unite Against Fascism em 2003.

de propriedade asiática. Inicialmente haviam 500 policiais envolvidos no combate, mas reforços posteriores aumentaram esse número para quase mil, fazendo com que, o que antes havia começando como um tumulto atípico se transformasse em um grande distúrbio social. De acordo com Paul Bagguley e Yasmin Hussain (2003) os desordeiros tinha como prioridade ataques principalmente a polícia, residências pessoais, e negócios de propriedade privada. Os danos estimados foram de £25 milhões, com uma única concessionária da BMW respondendo por mais de £20 milhões. A polícia afirmou que 300 crimes foram cometidos, desde roubos e saques a incêndios criminosos e agressões. Houve ataques de fogo em seis bares, um clube *Labour* e um outro conservador. Mais de 200 policiais foram relatados como feridos, de quase 1.000 convocados da região de West Yorkshire e de outros condados.

Aguçando a visão crítica, é importante a reflexão sobre os fatores geradores, em termos sociológicos, para se compreender as reais causas e motivos de tais conflitos, que não só ocorrem nas cidades do norte da Inglaterra, mas também em diversos outros povos em diferentes recortes temporais e geográficos.

A socialização de uma comunidade minoritária e de valores culturais e religiosos específicos com uma outra de cultura diferente, majoritária, e potencialmente hostil, é uma grande preocupação dos grupos étnicos minoritários (REX, 1996). Nesse processo, os jovens de grupos minoritários podem ser introduzidos a influências que muitos de seus pais gostariam de protegê-los, e a medida estes jovens vem adotando valores cada vez mais ocidentais, têm começado a questionar alguns dos valores e preceitos de seus pais. Isso raramente leva-os a conflitos diretos, uma vez que esses valores ocidentais não suprimem, a rigor, sua identificação étnica, religiosa e cultural. No entanto, segundo Rex (1996), essa geração tem de “negociar” esse processo de hibridização com seus pais. Isso geralmente é feito usando interpretações particulares e flexíveis de regras culturais e evitando exposições abertas de comportamentos, o que poderia ser interpretado como uma ofensa. Para os jovens do sul da Ásia no Reino Unido, a identidade é informada pela forma como eles se identificam com os valores étnicos, culturais e religiosos de seus pais e ancestrais diante da cultura britânica mais ampla em que vivem (MODOOD, 1994). É por isso que estabelecer autonomia e independência, embora seja tão importante para os jovens asiáticos que vivem no Reino Unido, pode assumir conotações diferentes.

Na diáspora asiática no Reino Unido, a segunda geração e a subsequente desta encontram-se navegando dentro de um contexto social que difere totalmente do que seus pais viveram. Seus pais, representando a primeira geração, passaram por diferentes traumas de migração, dispersão e exílio de seu país nativo, bem como a discriminação que sofreram, transformando-se, em certa medida, em forças poderosas na formação de suas relações políticas e sociais. Isso difere de seus filhos que são nascidos ou criados na Grã-Bretanha, comem comida asiática em casa, falam a primeira língua dos pais, vestem roupas tradicionais de seu povo e assistem a filmes asiáticos, porém, fora de casa, eles são competentes no idioma inglês, e cada vez mais bem-sucedidos academicamente. Uma síntese cultural foi criada de duas culturas muito diferentes, não por compromisso, mas por ser crítica e afirmativa de ambas as culturas (GILROY, 1993)

Durante os conflitos, havia uma clara divisão entre a geração mais velha e a mais jovem, em particular dentre os homens. Os homens mais velhos e os mais jovens exibiam visões nitidamente contrastantes dos conflitos. Os homens mais velhos criticavam fortemente as ações mais jovens enquanto os mais jovens acreditavam que estavam protegendo sua própria comunidade e não conseguiam entender por que havia tanta hostilidade da geração mais velha para com eles:

We have lived in this country for years and we had built up respect for ourselves but now theres nothing but humiliation. Everybody thinks Asians are troublemakers now. (Anwar Baig, age 60, Bagguley & Hussain, 2003, pp. 11-12)

A geração mais velha não reconheceu as razões para as ações dos mais jovens, enquanto que estes jovens sentiam que sua comunidade estava sendo ameaçada pelo racismo e preconceito étnico (BAGGULEY & HUSSAIN, 2003).

I thought that if the youths started to get into trouble like this, then it would not bode well for us. It will damage our reputation. We are living in a foreign country but that doesn't mean that you go out and destroy that country. (Zafeera Javed, age 55, Bagguley & Hussain, 2003, p. 12)

Como demonstra as entrevistas coletadas no relatório de Bagguley & Hussain (2003), a geração mais velha de asiáticos se sentiu bastante ofendida e interessada em desmistificar a possível ideia eminente de que os asiáticos eram por essência desordeiros. Na verdade, tais eventos geraram um sentimento de raiva da velha geração a respeito da nova. Bagguley & Hussain (2003) explicam que esta geração velha também experienciou a discriminação em todas as esferas da vida social, incluindo no emprego e na moradia, onde suas características físicas e culturais eram

mantidas em baixa estima pelos segmentos dominantes da sociedade, porém, embora vítimas dessa violência racial, eles ofereciam pouca resistência e definiram sua relação com a Inglaterra como positiva. Essa geração mais velha criou a perspectiva de uma comunidade pacata que estava apenas contribuindo positivamente para a sociedade.

Já a segunda geração, no caso os jovens, estes possuem valores mais progressistas, valores políticos de igualdade, maiores expectativas de educação e mercado de trabalho, porém, está desiludida em face ao racismo contínuo e dos compromissos da primeira geração com a estrutura do poder branco (BAGGULEY & HUSSAIN, 2003). Os jovens asiáticos criticam a polícia, temem a extrema-direita e ressentem-se com a mídia, alegando que esta última é tendenciosa e possui claras intenções em manter o status-quo. Esse comportamento mostra que a nova geração de jovens, em particular, está evitando a atitude de seus pais e anciãos e exigindo mudanças radicais. Essa segunda geração está mais educada em valores modernos, sendo conscientes de seus direitos na Inglaterra.

Assim, a adoção de identidades "inglesas" ou "britânicas" por minorias étnicas, como dos asiáticos na Inglaterra, permanece complexa. Seu senso de "britanismo" é muitas vezes um reflexo pragmático de nascer e viver na Grã-Bretanha, e tais alegações são às vezes difíceis de sustentar por causa da natureza racializada da identidade britânica (BULMER & SOLOMOS, 1999). No entanto, essa geração de jovens asiáticos desafiou e, como veremos no próximo ponto deste capítulo, transformou esse conceito construções raciais assim como também abriu a porta para um novo debate no tocante à coesão de comunidade.

2.1. O relatório de Ted Cante e o Interculturalismo

Embora os distúrbios nas cidades nortenhas britânicas tenham sido devidamente condenados por todos os lados, o governo britânico deixou claro sua determinação em compreender e estudar o porquê desses distúrbios terem ocorrido de tal maneira. Em algumas áreas, como Oldham e Burnley, foram estabelecidos inquéritos locais para descobrir mais sobre as circunstâncias particulares que deram origem a esses eventos em suas próprias comunidades. A resposta do "First Secretary" inglês foi a criação de um grupo ministerial sobre ordem pública e coesão comunitária para examinar e considerar a forma como as políticas nacionais poderiam

ser usadas para promover uma melhor coesão da comunidade, baseada em valores compartilhados e promovendo uma celebração da diversidade. Ao mesmo tempo, ele também criou uma equipe de revisão, liderada por Ted Cantle⁹, responsável dea buscar os pontos de vista dos moradores locais e líderes comunitários nas cidades afetadas e em outras partes da Inglaterra sobre as questões que precisam ser abordadas no intuito de promover um melhor modelo fornecedor da coesão social assim como também identificar boas práticas no tratamento dessas questões a nível local. No centro das investigações sobre a violência, estava o relatório nacional de Ted Cantle, ex-diretor da Câmara Municipal de Nottingham, especialista em coesão da comunidade e criador do Instituto de Coesão da Comunidade (iCoCo¹⁰). O relatório ficou conhecido como Relatório de Cantle, onde ele tece críticas sobre o contexto social e o modelo de multiculturalismo vigente em que se passavam as cidades afetadas. Segundo Cantle (2001), as pessoas viviam vidas paralelas e polarizadas, onde indivíduos de diferentes origens étnicas simplesmente não se misturavam. "Essas vidas, muitas vezes, não parecem tocar em nenhum ponto em comum, e muito menos se coincidem ou promovem trocas significativas", advertiu o professor.

Assim, o conceito de "Coesão da Comunidade" estabelecido por Cantle (2001) após os distúrbios e conflitos ocorridos em Oldham, Leeds, Burnley e Bradford em 2001, ao mesmo tempo que enfatizava a necessidade de enfrentar as desigualdades, também tentaram construir entendimento entre os diferentes grupos e criar confiança e respeito mútuo ao romper estereótipos e equívocos sobre o "outro". Em muitos casos, houveram impactos positivos significantes tanto na promoção do entendimento dos grupos como na coleta de dados sobre os participantes do programa e suas respectivas comunidades.

Além dos programas em pequena escala que foram voltados para pequenas comunidades divididas, também foram desenvolvidos programas para cidades inteiras com o intuito de criar um consenso mais amplo com relação ao apoio à diversidade. Muitas vezes, incluíam campanhas de alto nível com pessoas de vários setores que

⁹ Ted Cantle criou o Institute of Community Cohesion (iCoCo) e tornou-se a principal autoridade do Reino Unido no tocante a coesão da comunidade e nas relações interculturales. Ele estabeleceu a Fundação iCoCo para desenvolver este trabalho e desenvolver políticas e práticas sobre interculturalidade e coesão da comunidade.

¹⁰ A fundação do iCoCo foi criada pelo professor Ted Cantle e é dedicada à promoção do interculturalismo e da coesão da comunidade. É uma organização sem fins lucrativos que desafia o multiculturalismo de estilo antigo e promove políticas e práticas novas e progressivas em uma era de sociedades multi-diversificadas e globalizadas.

pertenciam e contribuía para a vida econômica e cultural da região. Essas campanhas foram importantes na medida em que tentaram apresentar uma nova imagem positiva da diversidade para todos e, embora reconhecendo o valor do patrimônio cultural individual e da distinção, colocou uma nova ênfase nas semelhanças entre os grupos, contribuindo para uma forma de multiculturalismo menos defensiva e mais progressiva, ou seja, algo que não provocasse o distanciamento por causa das individualidades dos grupos, mas tentasse achar pontos em comum em prol de uma coesão (CANTLE, 2001).

De fato, desde o início, o conceito de coesão comunitária de Cantle tentou desenvolver uma visão positiva para que os indivíduos pudessem ter o sentimento de pertencimento às sociedades que habitavam, desfrutando de oportunidades de vida semelhantes, e assim, sentirem-se valorizados. Ted argumenta que isso contrastava com a ideia clássica do multiculturalismo, que era conceituado por ele como sendo em grande parte defensivo e negativo:

(...) However, some of the policies which governments have devised to mediate these changes are no longer appropriate and do not contribute sufficiently to the promotion of community cohesion. The notion of 'multiculturalism', by which these policies have become understood, also no longer enjoy either governmental, nor popular support. There is, then, an opportunity to consider the development of 'interculturalism', which is not defined by 'race' and embraces all areas of difference. It also recognises that cultures are more fluid than ever before and the interconnectedness of the World, supports interaction between and within cultures to build trust and understanding, and promotes cultural navigational skills to enable us all to accept and endorse the change process (CANTLE, 2011, p. 3).

Assim, os programas passaram a combater o preconceito e a discriminação se apoiando no conceito de interculturalismo¹¹ como possibilitador de uma narrativa mais ampla que substituiria o conceito ultrapassado de multiculturalismo. A coesão comunitária desenvolveu-se então com o interculturalismo sendo o seu instrumento possibilitador no desenvolvimento de uma visão muito mais ampla acerca do tema.

O relatório de Ted Cantle foi inovador, produzido em dezembro de 2001, fez cerca de 67 recomendações e também criou o conceito de vidas paralelas para descrever comunidades que tinham pouco em comum e não tinham contato entre si, desafiando a ortodoxia multicultural e dando à luz a então ideia de coesão comunitária que foi subsequentemente adotada como política pelo governo do Reino Unido e que

¹¹ O conceito de "interculturalismo" administrado por Ted Cantle implica em interações mais positivas entre comunidades e níveis mais elevados de habilidades de navegação, sendo defendido pelo autor como sendo mais apropriado do que o conceito clássico de multiculturalismo para uma era de super diversidade e globalização, e sendo necessário para que nossas sociedades se tornem mais coesas.

resultou em muitas intervenções realizadas não só em comunidades locais e cidades mas como também em todo o país e mais tarde no mundo todo. Tudo isso no intuito de diminuir as tensões entre grupos polarizados e assim antecipar-se os conflitos, prevenindo-os. O conceito de vidas paralelas foi estabelecido no relatório da Equipe de Revisão de Coesão Comunitária - *Community Cohesion Review Team* (CCRT) - que examinou as causas dos distúrbios raciais nas cidades do norte da Inglaterra em 2001. Isso encapsulou a crítica do multiculturalismo e tornou-se um meio pelo qual tanto a teoria como a prática da coesão da comunitária pode ser entendida e desenvolvida. Também foi ampliado o debate de raça e religiosidade para outras áreas da diferença (CANTLE, 2004, pp. 7-16)

O termo "vidas paralelas" foi muito bem escolhido para enfatizar que as duas principais comunidades - branca e asiáticas - que eram o foco principal do relatório tinham pouco ou nenhum contato e se desenvolveram separadamente.

Esta separação de comunidades foi construída apoiada no racismo e discriminação no período pós-guerra, quando a onda de pessoas predominantemente do Caribe e do Sul da Ásia encontraram-se empurrados para habitações de baixa qualidade, muitas vezes agrupados em torno de empregadores que forneciam empregos pouco qualificados e de baixa remuneração.

Os novos migrantes eram recebidos com grande desconfiança e muitas vezes hostilidades. Embora a legislação de antidiscriminação houvera finalmente sido introduzida em 1965, a atmosfera permaneceu altamente carregada, com um apoio considerável ao discurso de Enoch Powell¹², "Rivers of Blood", em 1968.

Não surpreendentemente, as minorias construíram mecanismos defensivos em torno de si, conseguindo apoiantes anti-racistas, que eram rapidamente reunidos quando alguma crítica às minorias começavam a surgir. O conceito ilustrou que ambas as comunidades permaneceram e/ou desenvolveram-se em esferas separadas. As áreas residenciais distintas não constituíam, a princípio, o fator principal para o surgimento das vidas paralelas, estas, eram resultados de padrões sociais, culturais, educacionais e de emprego dissemelhantes e separados. As vidas paralelas não se encontravam em nenhum ponto. A separação das comunidades por etnia e/ou fé

¹² John Enoch Powell foi um político, acadêmico, escritor e poeta britânico. Foi deputado no Partido Conservador do Reino Unido de 1950 a 1974, do Partido Unionista do Ulster de 1974 a 1987, e ministro da Saúde do Reino Unido de 1960 a 1963. Ganhou maior destaque em 1968, quando fez seu controverso discurso, "Rivers of Blood", onde se posicionava contra a onda migratória que começara a transcorrer no Reino Unido.

significava que faltava experiências compartilhadas e poucas oportunidades para o surgimento de valores compartilhados.

A medida em que as divisões físicas foram agravadas por tantos outros aspectos de nossas vidas diárias, foi muito evidente - arranjos educacionais separados, órgãos comunitários e voluntários, emprego, locais de culto, línguas, redes sociais e culturais, significa que muitas comunidades operam a base de uma série de vidas paralelas. (CANTLE, 2001)

Embora o foco fosse muito sobre os ocorridos nas cidades nortenhas inglesas, o termo refletiu outros eventos em muitas partes diferentes do país, e fomentou uma preocupação maior sobre os diversos níveis de segregação espacial e social. A separação das comunidades em suas vidas paralelas, mesmo quando menos aguda do que o ocorrido nas cidades do norte, criou uma situação em que muitas comunidades viviam na ignorância e no medo uns dos outros, cada uma com o sentimento de que a outra estava recebendo tratamento preferencial, afinal, anteriormente, com as políticas multiculturalistas então vigentes, pouco ou nada havia sido feito para quebrar as barreiras entre as comunidades, para promover a interação e a confiança e entendimento mútuos. Nessas circunstâncias, era relativamente fácil para ideias extremistas desenvolverem mitos e provocar desinformação, agitando o preconceito racial e o ódio religioso.

Porém, os programas de coesão da comunidade conseguiram reduzir a tensão nas comunidades locais, promovendo o contato intercultural, desenvolvendo o apoio à diversidade e promovendo a unidade. Entre as 67 recomendações sobre habitação, juventude, regeneração, política e educação, o relatório de Cantle pediu um debate "aberto e honesto" sobre a natureza da Grã-Bretanha e o que deveria ser feito para promover laços. Ele disse que a tarefa seria enorme e levaria anos para conseguir porque não poderia haver soluções rápidas. A nível nacional, o governo precisava fazer mais para promover o senso dos direitos e responsabilidades da cidadania. As recomendações exigiam uma melhor formação em prefeituras sobre as realidades de uma sociedade diversificada e como servir todos os cidadãos igualmente, até mesmo iluminou os partidos políticos, pedindo que eles repensassem sua conduta.

Arun Kundnani em seu artigo chamado "The Death of Multiculturalism" faz menção aos eventos ocorridos nas cidades nortenhas da Inglaterra no verão de 2001 e seu ponto de vista com relação ao trabalho realizado por Cantle e David Blunkett – o então Ministro do Interior (*Home Secretary*).

(...) but the Cantle report and Blunkett's provocative comments were more than just regression. They also signalled that, from the state's point of view,

the 'multiculturalist settlement', which has dominated race relations thinking in Britain for two decades, is no longer working. The riots of summer 2001 were a wake-up call. And events since September 11 have sounded the death knell for multiculturalist policies. The establishment needs a revised strategy to manage and preserve a racially divided society, as effectively as 'multiculturalism' did in an earlier time. The old multiculturalist formula of 'celebrating difference' – itself a response to the riots of the early 1980s – is to be replaced. The new strategy is 'community cohesion' and the Cattle report is its blueprint. (KUNDNANI, 2002)

Para Cattle (2012) o multiculturalismo posicionou a ideia de identidade como algo estático e limitado, ou atribuído e fixo. Porém, a realidade para muitas pessoas, é que a identidade pode ser algo transitório e, pelo menos parcialmente escolhido. O crescimento de casamentos mistos entre pessoas de diferentes países, raças, religiões, e outras diferenças significa que ninguém pode ser colocado dentro uma caixa. Segundo Cattle (2012) os teóricos multiculturais nunca aceitaram esta perspectiva e tentaram reforçar concepções passadas de identidade, endossando uma concepção de identidade única que têm homogeneizado e engessado grupos em demarcações e estereótipos.

Então, fica estabelecido os conceitos e diferenças do multiculturalismo e interculturalismo; o multiculturalismo não tem uma definição formalmente aceita por todos, mas geralmente é considerado um conjunto de políticas que permitem culturas diferentes viverem lado a lado, onde nenhuma destas prevalece ou tem maior valor sobre outra. Isso permitiu que as culturas minoritárias pudessem ser mantidas e não serem engolidas ou assimiladas pela cultura majoritária, mas também tendeu a criar um fixo conjunto de identidades atribuídas, que dão origem a divisões e tensões, e impedem o intercâmbio. Já o interculturalismo também tenta evitar o processo de assimilação, mas reconhece que o patrimônio, a herança cultural e a identidade são dinâmicas e que a interação intercultural e o surgimento de sociedades cada vez mais globalizadas e diversificadas é inevitável, e até desejável. O interculturalismo sugere que tal mudança tem que ser facilitada e apoiada, e essas identidades tem que ser vistas como pertencentes.

Assim, verificamos que o relatório de Ted, assim como o seu conceito de interculturalismo, apresentavam uma nova estratégia para coesão das comunidades. No entanto, embora não haja uma definição universalmente acordada sobre o conceito de coesão da comunidade fica claramente compreensível que para alcançar este objetivo é necessário considerar uma ampla gama de questões, incluindo acesso à educação e emprego, pobreza e desigualdades sociais, diversidade social e cultural

e até acesso a tecnologias de comunicação e informação (CANTLE, 2001). No Canadá, por exemplo, um país extremamente pluralizado onde o objetivo é atingir coesão a nível da sociedade, entende-se que para isso há a necessidade do envolvimento de uma série questões complexas. Os canadenses definem a coesão da comunidade como o processo contínuo de desenvolvimento de uma comunidade de valores compartilhados, desafios compartilhados e igualdade de oportunidades dentro do Canadá, com base em um sentimento de confiança, esperança e reciprocidade entre todos os canadenses (JENSON, 1998).

Já no Reino Unido, o conceito é frequentemente usado informalmente e geralmente se refere a situações nas quais os indivíduos estão ligados uns aos outros por compromissos sociais e culturais comuns. A definição usada por Ferlander & Timms (1999) tem três características principais: Compromissos individuais com normas e valores comuns; Interdependência decorrente de interesses compartilhados, e Identificação individual com o grupo. Ferlander & Timms (1999) sugerem que "a coesão social exige que a participação se estenda pelos limites das comunidades locais, unindo-as em um todo mais amplo". Isso é importante, pois é possível encontrar coesão social em bairros cada vez mais divididos.

O fato é que o conceito de interculturalismo parece buscar de adaptar mais as circunstâncias atuais que envolvem todos os países; a hiper diversidade oriunda da nova fase da globalização. Onde, o conceito de coesão de comunidade defendido por Ted Cantle se mostra como a principal ferramenta para o alcance deste objetivo. Porém poderá a coesão da comunidade sobreviver em situações onde há intolerância enraizada e fundamentada a diferentes estilos de vida e culturas diferentes? Quais são as normas e valores comuns que podem ligar algumas comunidades tão diferentes e formar uma sociedade integrada? Ou, como poderia ser promovido um senso de confiança e esperança entre as comunidades antagônicas e que operam com um forte sentimento de medo e desconfiança mútuo?

3. A coesão comunitária e suas lições

A partir de 2001, os estudos sobre Coesão Comunitária ofereceram um diferente caminho a ser seguido, e que pouco se apegava as antigas políticas multiculturais. Se estabelecendo no princípio de que é insuficiente concentrar-se inteiramente na desvantagem socioeconômica e ignorar o profundo sistema de crenças e valores diversos que sucede nas comunidades, os programas de coesão foram concebidos para promover proativamente o valor da diversidade e criar um senso comum de pertença, enquanto paralelamente, se desenvolvem os programas de igualdade socioeconômica, isso significa, se antecipar aos possíveis problemas antes que estes ocorram.

Este conceito se tornou novidade na política do Reino Unido a partir do momento que estabeleceu um programa e definição acordada, que procurava encontrar maneiras pelas quais as comunidades pudessem se dar bem umas com as outras, derrubar barreiras e evitar tensões. A coesão da comunidade defendia que as pessoas deveriam interagir umas com as outras, para construir relações fortes e positivas entre pessoas de diferentes origens - no local de trabalho, nas escolas e nos bairros. Isso também significou promover um sentimento de pertença a todas as comunidades, criando uma apreciação da diferença, ao mesmo tempo em que investia em pontos comuns (CANTLE, 2017).

Assim, como vimos no capítulo anterior, após os conflitos nas cidades do norte da Inglaterra em 2001, cidades estas que já viviam um histórico de confrontos e hostilidades frente à tais problemas, iniciou-se um processo de fomentação a pesquisas e a produção de material acadêmico que pudesse servir de alicerces para a condução de políticas melhor sucedidas com relação a experiência de integração das comunidades estabelecidas há muito tempo, dos recém-chegados imigrantes, dos requerentes de asilo, e dos refugiados.

Segundo Anthony Heath (2017) a Grã-Bretanha, como a maioria das outras sociedades altamente desenvolvidas, tem se tornado cada vez mais diversificada ao longo dos últimos cinquenta anos, e se tornará ainda mais no futuro. Essa proporção de população britânica com fundo de migração subiu de cerca de 3% em 1950 para quase 20% no censo de 2011. As origens dessa população, em sua maioria jovens, também se tornaram cada vez mais diversificada. Anteriormente, a maioria dos trabalhadores migrantes que chegavam à Inglaterra eram provenientes dos países da

comunidade europeia e/ou refugiados judeus antes da segunda guerra mundial juntamente com uma comunidade polaca que tinha lutado ao lado dos Aliados durante a segunda guerra mundial. Porém hoje, migrantes que chegam à Grã-Bretanha incluem refugiados de uma grande variedade de países, bem como grandes números daqueles vindo do mundo desenvolvido em busca de emprego e novas oportunidades.

Dessa forma, o aumento da diversidade trouxe consigo oportunidades e desafios. Na Inglaterra, trabalhadores estrangeiros foram muito importantes no preenchimento do mercado e luta contra a escassez de mão-de-obra, como os próprios migrantes caribenhos, que foram tanto hostilizados por certa parte de uma população local, mas que foram ativamente recrutados na década de 1950 preencher vagas no NHS¹³ e no London Transport¹⁴. Isto trouxe trabalhadores altamente qualificados com ensino superior e pessoal sênior para empresas multinacionais. A diversidade também trouxe inovação e dinamismo para outras áreas na economia, ciência e as artes.

Mas como vimos, ao longo dos anos os desafios têm se manifestado de maneira preocupante. Migrantes e seus descendentes (particularmente aqueles de origens não europeias) enfrentaram situações de hostilidades geradoras de conflitos. As minorias também experimentaram desigualdades de oportunidade na sociedade britânica e sub-representatividade política. Mas ao mesmo tempo, tem havido preocupações de que as próprias minorias têm escolhido levar vidas separadas, formando comunidades paralelas que buscam levar a vida anterior nos países que agora estão. Os distúrbios nas cidades do norte, como Bradford, Burnley e Oldham em 2001 foram amplamente vistos como tendo suas raízes em comunidades divididas. Trevor Phillips, o então presidente do conselho Comissão para a Igualdade Racial, advertiu que a Grã-Bretanha estava passando por um momento perigoso de sonambulismo em frente a segregação eminente.

Ao longo deste trabalho podemos observar que, antes, as ideias de multiculturalismo vieram à tona como garantia de compreensão e respeito por pessoas de diferentes culturas, assim como tolerância para a manifestação destas. Porém,

¹³ O National Health Service ou NHS, como é mais conhecido, é o maior sistema público de saúde e o mais antigo do mundo. Todos que vivem legalmente na Inglaterra, inclusive os estudantes com visto Tier 4 General, têm direito a consultas, atendimentos, tratamentos e, em alguns casos, até medicamentos gratuitos.

¹⁴ O Transport for London (TfL) é o órgão responsável do governo local para a maioria dos aspectos do sistema de transporte na Grande Londres, na Inglaterra. Seu papel é o de implementar a estratégia de transportes e para a gestão de serviços de transporte em toda Londres.

após as fendas e falhas sociais evidenciadas, outras questões no que tangem a coesão social passaram a então a serem enfatizada principalmente após os distúrbios nas cidades do norte em 2001. Este capítulo visa apresentar algumas das conclusões, práticas e políticas baseadas em evidências que podem ser implementadas em um nível local, a fim de enfrentar alguns dos desafios apresentados por uma sociedade diversificada e, assim, promover a integração social na Grã-Bretanha que vai desde o desafios enfrentados pelos recém-refugiados aos desafios das comunidades estabelecidas há muito tempo na superação das desvantagens.

Segundo demonstra Dame Louise Casey (2016), à medida que a população e a proporção de minorias étnicas aumentaram, elas também se espalharam mais largamente pelo país. O que significa dizer que esses grupos étnicos e religiosos se concentraram em áreas específicas para si, ao mesmo tempo que se separaram dos demais. Isso ficou evidente nas escolas dessas áreas, onde a prevalência de paquistaneses, indianos, bengaleses e muçulmanos se tornou evidente.

Este fator é justamente um dos pontos críticos que cerne a problemática dos conflitos das cidades do norte inglesas. Como explicou Ted Cantle (2001), as comunidades brancas e asiáticas viviam o que ele chamou de “vidas paralelas”, termo utilizado para explicar duas comunidades tinham pouco contato entre si ou quase nenhum, pouquíssima compreensão mútua, confiança ou tolerância. As tensões sempre foram evidentes. O que se torna o contato e a quebra da resistência um dos fatores a serem fortemente enfatizados e combatidos pelas políticas atuais de coesão comunitária, havendo fortes evidências em torno dos benefícios que podem derivar de altos níveis de contato significativo entre pessoas de diferentes origens (CASEY, 2016).

Para isto, Ted Cantle (2017) criou juntamente com o Institute of Community Cohesion (iCoCo) o que ficou conhecido como Local Integration Plans (LIPs) que, se baseando nos estudos pré-concebidos, criou as condições para a integração nessas comunidades. Pela primeira vez, a partir 2003, os programas começaram a envolver não apenas as minorias, mas também as comunidades majoritárias que relutaram por muito tempo para consentir.

Os programas foram estruturados e focados especialmente para cada local, lidando com as diferenças e tensões que eram evidentes em cada área específica, fazendo as intervenções relevantes conforme o contexto local, porém, todos partiam do princípio de serem concebidos para promover a interação entre uma variedade de

grupos e dissipar os preconceitos e minar os estereótipos. Para isso o contato intercultural não poderia ser levado como algo possível ao acaso, mas sim estimulado, e as barreiras institucionais para que dificultavam esse processo tinham que ser removidas (CANTLE, 2017). Embora a maioria fosse desenvolvida por autoridades locais e agências voluntárias, havia alguns programas reconhecidos a nível nacional, nomeadamente os programas de gemação de escolas que reuniam crianças de diferentes origens daquelas escolas apenas monoculturais.

As escolas formam um fator preponderante para acabar com os preconceitos e estereótipos desde a fase inicial dos cidadãos, pois quando as populações escolares tornam-se polarizadas naturalmente se reduz as oportunidades para as crianças aprenderem sobre a diferença, e para que estas, e suas famílias, desenvolvam uma compreensão do “outro” através oportunidades que podem ser dadas numa escola intercultural que desenvolva as habilidades do pensamento crítico através da introdução de questões contemporâneas chave em todas as áreas da formação escolar. Isso deve incluir "conversas perigosas" que são muitas vezes evitadas nas escolas, em parte porque os professores não têm confiança e treinamento para tal abordagem, em outra, por causa do medo de perturbar alguma parte da comunidade da escola.

Embora os planos de integração tinham como base melhorar as relações entre diferentes grupos étnicos e religiosos, eles também foram usados para mudar a percepção de outras áreas de diferença, como a questão de gênero, deficiências, classe social, orientação sexual etc, considerando também, como as barreiras institucionais poderiam ser reduzidas, especialmente em relação ao princípio de igualdade de oportunidades e combate à discriminação.

Como é de se imaginar, houve alguma resistência no início dos “LIPs”, mas que fora superada graças aos diferentes mecanismos de abordagem que foram utilizados especificamente em cada comunidade.

(...)people were understandably apprehensive about getting out of their comfort zones. This was soon overcome with the emphasis on enjoyable and challenging activities, for example by using the performing arts and by bringing people together around a common cause and creating local pride. (CANTLE, 2017, p-4)

Segundo Ted Cantle (2017), boa parte dessa resistência era oriunda dos líderes comunitários e religiosos, que por vezes sentiram o seu controle comunitário

minado, uma vez que as atitudes e comportamentos dos sujeitos acabaram por se tornar mais autônomos e individualizados, em vez de mediados por eles.

Em primeiro lugar, os planos tentaram mudar as atitudes das comunidades umas com as outras de maneira geral. Para a criação do sentimento de pertencimento, que fora tão mencionado por Ted Cantle (2001) seria necessário desenvolver uma história positiva para todos os grupos e promover uma série de novas imagens sobre a diversidade em todas as comunidades. Campanhas como “One Leicester”¹⁵ foram promovidas na maioria das outras cidades inglesas, sendo apresentados através da imprensa e da mídia. Muitas tentativas também foram feitas para refutar histórias negativas sobre minorias, quebrando os mitos negativos.

Além de fornecerem uma estrutura para reinvestir em contato entre todas as camadas da população, particularmente no que tange religião e etnias, os programas também conseguiram abrir discussões e debates reais e até mesmo conversas "em que as visões reducionistas e extremistas foram minadas pelo desenvolvimento da compreensão intercultural, construindo assim o que Cantle chamou de “alfabetização religiosa”. Isso significa dizer que, desafiando a influência controladora de alguns dos chamados líderes comunitários e religiosos, os jovens começaram a se emancipar para desenvolver habilidades sociais que necessitarão no mundo globalizado e multicultural.

Porém, é preciso reconhecer que embora os líderes religiosos possam fazer parte da solução, eles também fazem parte do problema. Ainda é preciso ser feito mais desafia-los a permitirem a livre escolha, e ao questionamento de tabus que dificultam o seu convívio em comunidade.

Isso não significa dizer que os programas tinham por objetivo quebrar todos os limites e dogmas que existem nas diferentes culturas e religiões, mas sim aqueles que conflitam com os direitos humanos. Nesse ponto específico, o governo britânico pode reivindicar algum sucesso na tomada de ação contra a mutilação genital feminina (MGF) e o casamento forçado - que não anteriormente nem sequer fora contestado pela antiga política multicultural.

¹⁵ A cidade de Leicester, Inglaterra, é marcada por sua diversidade étnica e é sustentada por uma imagem de cidade multicultural, o que inclusive é responsável por atrair e reter negócios estrangeiros. O One Leicester foi uma das campanhas voltadas para aproximação destes diferentes grupos étnicos residentes na cidade, no sentido de promover uma vivência multiculturalista pacífica com tolerância e inclusão.

É ilegal realizar a mutilação genital feminina no Reino Unido desde 1985, porém, mesmo com a práticas sendo por vezes realizadas ilegalmente e equiparada por alguns da extrema esquerda como “equivalente” aos procedimentos de cirurgia estética vaginal ocidentais¹⁶, não houve sequer uma única acusação bem-sucedida. Este fracasso foi considerado como ultrajante pelo Comitê de Assuntos Internos da Inglaterra. De acordo com a jornalista Kate Ferguson (2017), correspondente do Jornal britânico *Independent*:

A case of female genital mutilation (FGM) is either discovered or treated at a medical appointment in England every hour, according to analysis of NHS statistics by a charity. Between April 2015 and March 2016 there were 8,656 times when women or girls attended doctors' surgeries or hospitals and the problem was assessed — the equivalent of one every 61 minutes. Among those who attended, a case of FGM is newly recorded every 92 minutes on average. This means a woman or girl has their case recorded by the NHS for the first time, although in many cases they will have been cut some years before but it has not come to the attention of doctors sooner.

Porém, O Conselho Muçulmano da Grã-Bretanha, a maior organização muçulmana do país, condenou a prática da mutilação genital feminina como sendo "não-islâmica" e disse a seus membros que esta prática vem trazendo sua religião à descredibilidade.

De maneira que, tais práticas, mesmo que exercidas por uma menor parcela de determina cultura, faz ressurgir novamente o debate inicial provocador deste trabalho – em prol de acomodar diversidade etno-cultural, deveríamos então, como defendem alguns, flexibilizar-nos a ponto aceitar ou fazer “vista grossa” para tais práticas?

No entanto, cabe entender que paralelo a tais debates que envolvem discussões profundas, o mais indicado a se fazer mostrou ser aprender a viver juntos, e tais programas além de se mostrarem eficientes, também demonstram ser de custo baixo para serem realizados. No entanto, os “LIPs” também precisam lidar com a realidade de uma crescente competição por recursos associada as necessidades de uma crescente população frente aos serviços públicos e espaços.

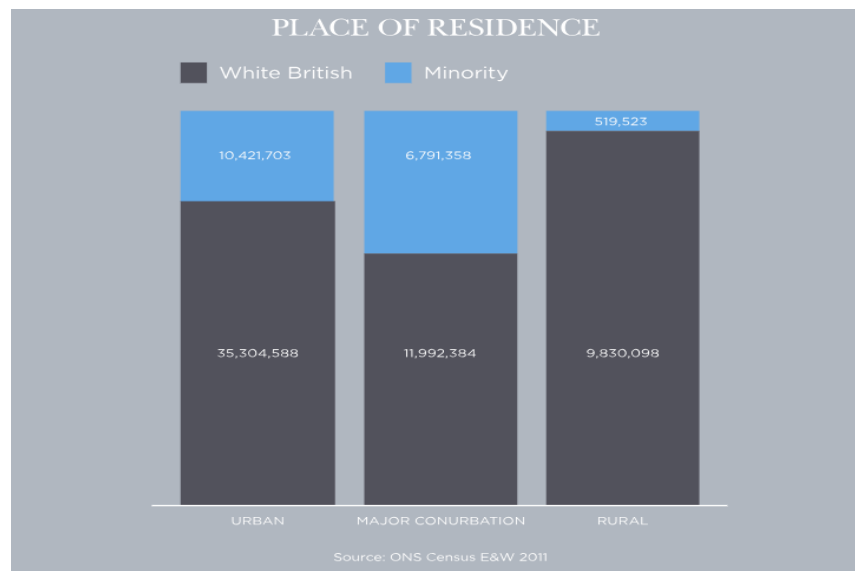
Ted Cantle (2017) explica que muito sucesso foi alcançando e os resultados foram muito encorajadores. As pesquisas demonstraram que as atitudes estavam se tornando mais positivas em relação à diversidade e o contato intercultural de fato

¹⁶ A icônica feminista e australiana Germaine Greer chegou a equiparar os procedimentos labioplásticos modernos de estética vaginal como moralmente equivalentes a prática cultural de privar as garotas de prazer sexual futuro através da mutilação de clitoris forçada.

reduziu o preconceito e a intolerância. Em termos políticos mais amplos, uma narrativa de política intercultural começou a emergir para apoiar a coesão da comunidade e desafiar a abordagem multicultural anterior, que pouco tinha alcançado no sentido de coesão da comunidade.

Porém, paralelamente a isto, dados atuais do Integration Hub Institute¹⁷ demonstram que muitos britânicos estão deixando as cidades e, em geral, sendo substituídos por outras populações migrantes minoritárias. Tomemos Londres por exemplo, a população branca londrina reduziu em torno de 600.000 entre 2001 e 2011 e foi substituída por 1.200.000 pessoas de minorias étnicas. Esse processo foi descrito de maneira pejorativa por alguns como "white flight", sugerindo que estes britânicos foram embora porque são brancos, indicando uma conotação racista. Uma análise de Eric Kaufmann & Gareth Harris (2014) descobriu que de fato os brancos preferiam se mudar para "áreas mais brancas", onde há menos minorias, geralmente fora de Londres. Mas isso não significa necessariamente que eles deliberadamente queriam evitar ou se sentiam hostis em relação às minorias, mas sim que eram atraídos pelo ambiente familiar rural.

Figura 1 - Residência na Inglaterra em 2011



Fonte: <http://www.integrationhub.net/module/do-we-live-together-rapart-residential-patterns/>

¹⁷ O Integration Hub Institute em parceria com o Policy Exchange, explora a integração étnica em cinco temas distintos - Padrões Residenciais, Trabalho e Bem-Estar, Sociedade e Vida Cotidiana, Educação e Atitudes e Identidade, apresentando grande parte dos dados e pesquisas relevantes que permitem explorar o processo de integração em toda a Inglaterra e País de Gales.

De maneira que, é inegável que um avanço tenha sido alcançado e continua sendo galgado em termos de possibilitar a essas comunidades um ambiente melhor para a integração. Porém duas esferas de convicções e ideias continuam coexistindo neste mesmo cenário; uma que busca através do caráter cosmopolita e intercultural uma maior integração, e outra que se refugia em sua identidade na salvaguarda do nacionalismo, cabendo a sociedade civil e ao Estado a responsabilidade de produzir as melhores condições possíveis para o bom funcionamento de uma realidade que terá de ser, cedo ou tarde, encarada de qualquer forma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os mecanismos para equilíbrio de uma comunidade etno e culturalmente diversas vem se recriando ao passar dos anos. O que anteriormente tínhamos como ideal para o estabelecimento de diferentes povos num espaço em comum hoje é percebido como insuficiente em alguns casos. Tais políticas hoje são vistas por parcela da sociedade como responsáveis por isolar grupos étnicos, reforçando uma mentalidade voltada para dentro e levando a fortes divisões entre grupos dentro de um mesmo país.

Como consequência desta insuficiência, descobriu-se a necessidade da utilização de planos de integração mais precisamente elaborados para que uma coesão comunitária venha a acontecer. Percebemos que muito das políticas anteriores negligenciou, em certa medida, a necessidade humana de se conectar uns com outros para que estes consigam viver em relativa paz. Essa necessidade sempre foi importante para o seu bem-estar e para o meio que o circunda. De maneira que, onde as pessoas estão vivendo vidas individuais e isoladas, problemas podem surgir. Nos piores casos, as pessoas podem se tornar suspeitas e hostis uns aos outros, especialmente em relação aos indivíduos ou grupos que eles consideram “diferentes” ou “não pertencentes”.

Os conflitos de Bradford e as demais cidades nortenhas da Inglaterra no ano de 2001 mostram em grande parte o colapso de comunidades que possuíam vidas que, apesar de habitarem um lugar em comum, não se cruzavam quase em nenhum momento. Fator este que foi preponderante para o surgimento de um pessimismo e desagrado entre indivíduos que, por muitas vezes, já se preconcebiam de maneira pejorativa devido às suas diferenças culturais e étnicas.

Incentivar a interação é uma das formas mais simples e diretas de superar essas barreiras. Quando as pessoas têm a oportunidade de se conhecerem, juntamente com o auxílio de programas de integração bem fundamentados para as suas realidades e sensível ao contexto local, elas se concentram no que têm em comum, e não em suas diferenças. Isso ajuda a quebrar preconceitos e estereótipos pejorativos, e cria um melhor ambiente para que haja o respeito e compreensão mútuos. Para isto, é necessário que haja um esforço articulado e conjunto que seja constante e atinja diversos setores da sociedade.

A visão de que culturas, raças e etnias, particularmente aquelas pertencentes a grupos minoritários, merecem reconhecimento especial de suas diferenças e proteção destas dentro de uma cultura dominante pode ser benéfico à primeira vista, porém, como foi apresentado neste trabalho, em alguns casos, como o de Bradford, provou-se ser o fator de estabelecimento de uma maior segregação, separatismos, e preconceitos, onde segundo Cantle (2004) em “The End of Parallel Lives?” o surgimento de vidas paralelas de nada ajudavam para forjar uma coesão comunitária e assim prever conflitos como os aqui transcorridos.

Diante desta realidade, novos experimentos e planos de integração provaram empiricamente um melhor resultado no que tange coesão comunitária. Porém, para que estes funcionem e logrem de resultados positivos, é necessário um esforço conjunto e contínuo tanto de políticas oficiais como da própria sociedade civil, no sentido de entender que a melhor forma de lidar com este desafio é através do enfrentamento, e não “varrendo a sujeira para debaixo do tapete”.

Referências

BAGGULEY, Paul; HUSSAIN, Yasmin. **The Bradford ‘Riot’ of 2001: A Preliminary Analysis**. Leeds, University of Leeds Press, 2003

BAGGULEY, Paul; HUSSAIN, Yasmin. **Citizenship, Ethnicity and Identity: British Pakistanis after the 2001 ‘Riots’**. Leeds. University of Leeds Press, 2003

BENYON, John; SOLOMOS, John. **The Roots of Urban Unrest**. Oxford, Pergamon Press, 1987

BULMER, Martin; SOLOMOS, John. **Racism**. Oxford. Oxford University Press, 1999

CANTLE, Ted. **The End of Parallel Lives?**. The Report of the Community Cohesion Panel. London, UK. Home Office, 2004

CANTLE, Ted. **Community Cohesion: a New Framework for Race and Diversity**. Basingstoke, UK. Palgrave Macmillan, 2008

CANTLE, Ted. **From Multi to Inter Culturalism**. Paper to the Montreal Symposium on Interculturalism, May 2011. Disponível em: <<http://tedcandle.co.uk/pdf/CANTLE%20chap%201-COLO.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2018

CANTLE, Ted. **Local Integration Plans Proposal**. London, UK. British Academy, 2017

CANTLE, Ted. **In a world of hate, fear and alternative facts, education really does matter**. London, UK. openDemocracy, 2017. Disponível em: <<http://tedcandle.co.uk/wp-content/uploads/2013/03/113-Cantle-2017-In-a-world-of-hate-education-really-does-matter-Open-Democracy.pdf>>. Acesso em: 28 abril 2018

CANTLE, Ted. **Community Cohesion: Report of the Independent Review Team – The ‘Cantle Report’**. London, UK. Home Office. 2001

CANTLE, Ted. **Interculturalism – a rejoinder to Modood and Meer Political Insight**. Dec 2012. Disponível em: <<http://tedcandle.co.uk/wp-content/uploads/2013/03/071-Political-Insight-Interculturalism-Dec-2012-Cantle-2012a.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2018

CASEY, Dame Louise. **The Casey Review: a review into opportunity and integration**. London, Ministry of Housing, Communities & Local Government, 2016. Disponível em: <https://assets.publishing.service.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/575975/The_Casey_Review_Executive_Summary.pdf> Acesso em: 28 março 2018

COMMISSION, Bradford. **The Bradford Commission report** : the report of and inquiry into the wider implications of public disorders in Bradford which occurred on 9, 10, and 11 June 1995. London, UK. The Stationery Office, 1996. Disponível em: <https://trove.nla.gov.au/work/22436955?q&versionId=27130412> Acesso em: 21 abril 2018

CATNEY, Gemma; SIMPSON, Ludi. **Settlement area migration in England and Wales**: assessing evidence for a social gradient. New Jersey, US. Wiley, 2010

FERLANDER, Sara; TIMMS, Duncan. **Social Cohesion and On-line Community, European Community**, Brussels, SCHEMA, 1999

FERGUSON, Kate. (6 February 2017). *One female genital mutilation case reported every hour in the UK*. Disponível em: < <https://www.independent.co.uk/life-style/health-and-families/health-news/female-genital-mutilation-fgm-case-per-hour-uk-nhs-circumcision-a7564571.html> >. Acesso em: 09 março 2018

GILROY, Paul. **The Black Atlantic**: Modernity and Double Consciousness. Cambridge, Harvard University Press, 1993

HEALTH, Anthony; LI, Yaojun. **The Socio-Economic Integration of Ethnic Minorities**. Manchester, UK. Cogitatio Press, 2017

JENSON, Jane. **Mapping Social Cohesion**: The State of Canadian Research, Ottawa, ON. Renouf Publishing, 1998

KAUFMANN, Eric; HARRIS, Gareth. **Changing places**: Mapping the white British response to ethnic change. London, UK. London Demos, 2014

KYMLICKA, Will. **Politics in the Vernacular**: Nationalism, Multiculturalism, and Citizenship. Oxford, UK. Oxford University Press, 2001

KUNDNANI, Arun. **The Death of Multiculturalism**. London, UK. Sagepub, 2002

KUNDNANI, Arun. 'From Oldham to Bradford: the violence of the violated', em **Race & Class** Vol. 43, no. 2, pp.41-60, London, UK. Sagepub, 2001

KUNDNANI, Arun. **In a Foreign Land**: The New Popular Racism. London, UK. Institute of Race Relations, 2001

MCGHEE, Derek. **The End of Multiculturalism?**: Terrorism, Integration and Human Rights. Maidenhead, UK. Open University Press, 2008

MODOOD, Tariq. **Establishment, Multiculturalism and British Citizenship**. Oxford, The Political Quarterly Publishing, 1994

POWELL, Enoch. **'Rivers of Blood'** speech. Birmingham, 1968. Disponível em: <<https://www.telegraph.co.uk/comment/3643823/Enoch-Powells-Rivers-of-Blood-speech.html>> Acesso em: 15 fevereiro 2018

WADDINGTON, David. **Contemporary Issues in Public Disorder: A Comparative and Historical Approach.** London, UK. Routledge, 2002